



# Indicadores Econômicos Conjunturais

- ✓ Brasil
- ✓ Rio Grande do Norte

Maio 2017

# Cenário Internacional

## Projeções do FMI para a economia mundial em 2017

As últimas previsões do FMI em seu Panorama da Economia Mundial, publicado em abril, ajustaram para cima o desempenho da economia mundial em 2017 (Instituto IEDI, Carta IEDI 786). Espera-se incremento de 3,5% no PIB global, depois de um crescimento efetivo de 3,1% em 2016. As variações esperadas são maiores do que as de 2014 e 2015 (3,4% e 3,2%, respectivamente), porém ainda abaixo do ritmo do período imediatamente anterior à crise de 2008, quando a média do crescimento econômico mundial estava em torno de 5,5%. Estados Unidos e Índia devem puxar a taxa para cima. Porém, entre os blocos econômicos os resultados esperados ainda são desiguais.

Nos Estados Unidos, a geração de empregos em abril veio em proporção acima do esperado e a taxa de desemprego encontrava-se abaixo de 4,5%. Além disso, espera-se que a anunciada política fiscal expansionista e de relaxamento da regulação financeira, anunciada pelo presidente Trump, acelerem ainda mais a economia no curto prazo. Em 2016, o PIB norte-americano cresceu 1,6%, e o FMI espera que venha a se expandir 2,3% em 2017. O FED deve dar continuidade às elevações nas taxas de juros, em ritmo moderado. Como decorrência, o dólar deve se apreciar, causando impacto em economias com alto endividamento externo e câmbio administrado.

A área do euro deve repetir a mesma taxa de crescimento de 2016, ou seja, 1,7%. Neste cenário, dentre os principais países, apenas a França elevará sua taxa de crescimento do PIB, que poderá passar do 1,2% de 2016 para 1,4% em 2017. Em contrapartida, a Alemanha deve recuar de 1,8% para 1,6%, a Espanha de 3,2% para 2,6% e a Itália de 0,9% para 0,8%.

No grupo dos países emergentes e em desenvolvimento, a taxa de crescimento deverá sair dos 4,1% registrada em 2016 para uma projeção de 4,5% em 2017. O maior dinamismo econômico continuará concentrado na Ásia, com a liderança da Índia, que avançou 6,8% em 2016, e o FMI espera crescimento de 7,2% em 2017. Apesar de ainda manter um alto padrão de crescimento, a China deve retroceder sua taxa de 6,7% de 2016 em um ponto percentual. A maior preocupação em relação ao país diz respeito ao montante da dívida do setor privado, que corresponde a 170% do PIB. O governo elevou

# Cenário Internacional

os juros de curto prazo como forma de conter o crédito do sistema bancário paralelo, frequentemente usado pelas empresas para rolagem de suas dívidas. A medida acabou causando recuo na produção industrial de abril. Caso a restrição monetária tenha continuidade, todo o crescimento econômico do país pode ser ainda mais afetado. A ameaça de agravamento dos riscos domésticos fez com que a agência de rating Moody's rebaixasse a dívida chinesa em um grau (de Aa3 para A1) em maio. Ainda dentre os emergentes, a Rússia, por sua vez, deve superar a retração de -0,2% de 2016 e crescer 1,4% em 2017.

O PIB do grupo de países da América Latina deve sair de -1,0% para 1,1%, puxado pela saída do Brasil da recessão. Para o país, que apresentou contração de 3,6% em 2016, o FMI projeta crescimento de 0,2%. Neste caso, é importante chamar a atenção para o fato de que as ameaças que os episódios políticos recentes podem vir a ter sobre a recuperação econômica ainda não estavam pesando no cenário traçado pelo FMI. Para o México, espera-se uma moderação no crescimento do PIB, de 2,3% para 1,7%.

# Síntese - Cenário Nacional

A economia nacional continua em recuperação, segundo indicadores antecedentes do PIB referentes ao mês de março. O ritmo ainda é lento e a reação é desigual entre os setores. A Agropecuária terá provavelmente uma super-safra, a Indústria vai, lentamente, se distanciando da recessão, exceto a construção, e no setor de Serviços, apenas o comércio volta a crescer. Dentre os fatores que restringem o crescimento, ainda não há sinais de mudança de tendência nas altas taxas de desemprego, na ociosidade do setor industrial, na dificuldade de acesso ao crédito e na inadimplência das famílias e empresas. No entanto, a economia vem contando com a colaboração da inflação, que vem cedendo rapidamente, favorecendo cortes mais vigorosos na taxa Selic. A estabilização do nível de preços tem assegurado crescimento real no rendimento da população ocupada, apesar das taxas elevadas de desocupação. O acesso aos recursos de contas inativas do FGTS tem favorecido a queda no endividamentos e estimulado o consumo das famílias. Por sua vez, a expectativa de que os juros começarão a declinar na ponta, para o tomador de crédito, vem contribuindo para a melhora na confiança dos empresários e famílias em relação à conjuntura nos próximos meses. O ritmo da reação do setor produtivo, no entanto, tem sido lento. Sobre as condições atuais, ainda não se percebe otimismo por parte dos agentes. Apesar da convergência das avaliações de que a economia, finalmente, retoma o seu eixo, as incertezas no campo político se acentuaram no mês de maio e podem retardar ainda mais o ritmo da recuperação. Os riscos iminentes levados em consideração dizem respeito à possibilidade de adiamento dos projetos de reforma trabalhista e da previdência, cujas aprovações já eram dadas como certas. A instabilidade política também pode fazer com que as empresas posterguem suas intenções de investimento de 2017, tal como aconteceu no ano passado e mostrado na pesquisa da FIERN/CNI, Investimentos na Indústria do RN - 2016.

Os dois principais indicadores prévios do PIB nacional referentes ao mês de março mostram alternância entre crescimento e perda de força das taxas de variação. O IBC-Br (indicador de atividade do Banco Central) apresentou crescimento em março (1,05%) e incremento no primeiro trimestre (0,29%) ante os períodos respectivos de 2016. O balanço acumulado dos últimos 12 meses ainda é negativo (-2,63%). Porém, menos negativo do que a variação dos

# Síntese - Cenário Nacional

últimos doze meses terminados em março de 2016 (-5,2%).

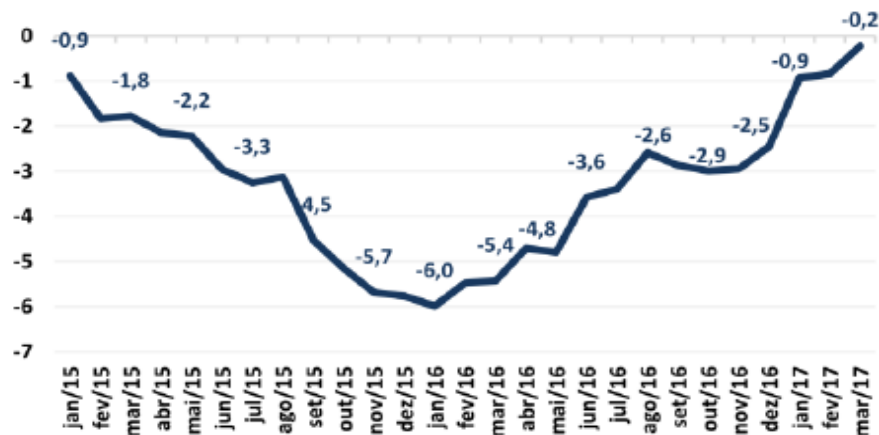
Por sua vez, o Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas - FGV, apontou crescimento entre fevereiro e março (0,04%) e em março em relação a igual mês de 2016 (0,29%). Porém registrou retração no balanço acumulado no primeiro trimestre em comparação com o mesmo trimestre de 2016 (-0,23%) e nos últimos 12 meses ante igual período de 2016 (-2,3%). Nas duas últimas bases de comparação, correspondentes aos períodos 2016/2015, as variações foram mais negativas (-5,4% e -4,7%).

No que diz respeito ao desempenho da indústria, o balanço continuou negativo no trimestre terminado em março em relação ao mesmo período do ano anterior (-0,24%). Trata-se, no entanto, da variação menos negativa nesse tipo de comparação, desde o início da série, em março do ano 2000. O resultado do conjunto do setor foi fortemente influenciado pelo persistente declínio da Construção (-7,7%), enquanto que os demais subsetores assinalaram variação positiva, a saber, Extração mineral, 10,9%, Transformação, 0,4% e Eletricidade, gás e água, 7,2% (detalhes no slide correspondente).

Ainda segundo o Monitor da FGV, o desempenho da Construção continuou influenciando negativamente o indicador de investimentos do PIB (Formação Bruta de Capital Fixo – FBCF), enquanto a fabricação de máquinas e equipamentos ajudou a amortizar o declínio. Ou seja, no trimestre terminado em março, enquanto a FBCF recuou 4,2%, a produção física de máquinas e equipamentos cresceu 2,08% no período, segundo o IBGE (PIM, março de 2017). A FBCF mede o investimento em construção civil (peso em torno de 60%), máquinas e equipamentos (30%) e pesquisa (10%). O indicador se encontra em queda há 37 meses consecutivos, mas em ritmo moderado há cinco.

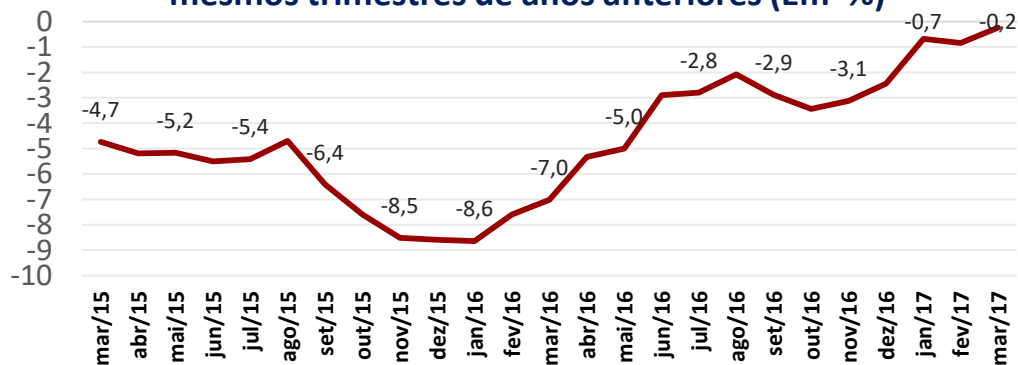
# Monitor do PIB-FGV

Taxa de variação trimestral do PIB (comparado aos mesmos trimestres de anos anteriores (Em %))



Fonte e elaboração: IBRE/FGV

Taxa de variação trimestral do PIB Indústria (comparado aos mesmos trimestres de anos anteriores (Em %))



Fonte: IBRE/FGV. Elaboração: FIERN.

## Destaques

- Fevereiro/janeiro → 0,31%
- Março/fevereiro → 0,04%
- Março 2017 / março 2016 → 0,29%
- Até março → -0,23%
- Acumulado em 12 meses → -2,3%

## Variação Trimestral

Trimestre terminado em março de 2017  
ante igual período de 2016 = -0,23%

## Indústria

- variação média = -0,24%
- Extrativa Mineral = 10,89%
- Transformação = 0,43%
- Eletricidade, gás e água (SIUPs) = 7,25%
- Construção = -7,70%

# Síntese - Cenário Nacional

## O PIB do primeiro trimestre aponta crescimento ante o último trimestre de 2016

O PIB oficial do primeiro trimestre de 2017, divulgado pelo IBGE no dia 1º de junho assinala crescimento em relação ao trimestre anterior (1,0%) com ajuste sazonal. Trata-se do primeiro balanço positivo nesta base, desde o primeiro trimestre de 2015. De acordo com as previsões, o excelente desempenho da Agropecuária (13,4%) é que puxou o resultado. A indústria também cresceu ante o trimestre terminado em dezembro (0,9%), inclusive seus quatro subsetores: Extração Mineral (1,7%), Transformação (0,9%), Eletricidade, gás e água (3,3%) e Construção (0,5%). Os Serviços (incluindo comércio) apresentaram variação nula (0%).

Conforme antecipado pelo Monitor do PIB, da FGV, e mostrado nos parágrafos anteriores, na comparação com o primeiro trimestre de 2016, a economia registrou retração, mas em magnitude superior à estimada. A FGV projetou variação de -0,23% período, enquanto a efetiva foi de -0,4%. Mesmo assim, a trajetória de redução de perdas foi mantida, inclusive em ritmo mais intenso do que o observado nos trimestres posteriores a março de 2016. (Detalhes nos dois gráficos dos slides seguintes). Nesta base de comparação, dentre os grandes setores econômicos, apenas a Agropecuária cresceu (15,4%). Nos Serviços (-1,7%), todos os subsetores recuaram, e com maior intensidade os Serviços de Intermediação Financeira e Seguros (-4,0%) e o Comércio (-2,5%). O conjunto da Indústria registrou queda (-1,1%), puxada pelos subsetores da Construção (-6,3%) e de Transformação (-1,0%), ao passo que os desempenhos positivos da Extração Mineral (9,7%) e de Eletricidade, gás e água (4,4%) amortizaram o recuo. Pelo conceito das Contas Nacionais, o investimento (Formação Bruta de Capital Fixo – FBCF) apresentou o 12º declínio consecutivo (-3,7%), mas o último foi o menos intenso da série negativa.

Em 12 meses, até março, o PIB acumulou queda de 2,3%. Nesta base de comparação, apenas a Agropecuária cresceu (0,3%). A Indústria registrou o maior declínio (-2,4%), puxado por dois subsetores, a saber, Construção (-5,5%) e Transformação (-3,0%). A intensidade do recuo foi amenizada pelo crescimento dos demais subsetores: Eletricidade, gás e água (4,9%) e Extração Mineral (1,6%). No setor de Serviços (-2,3%), nenhum segmento cresceu nesta base de referência. As maiores

# Síntese - Cenário Nacional

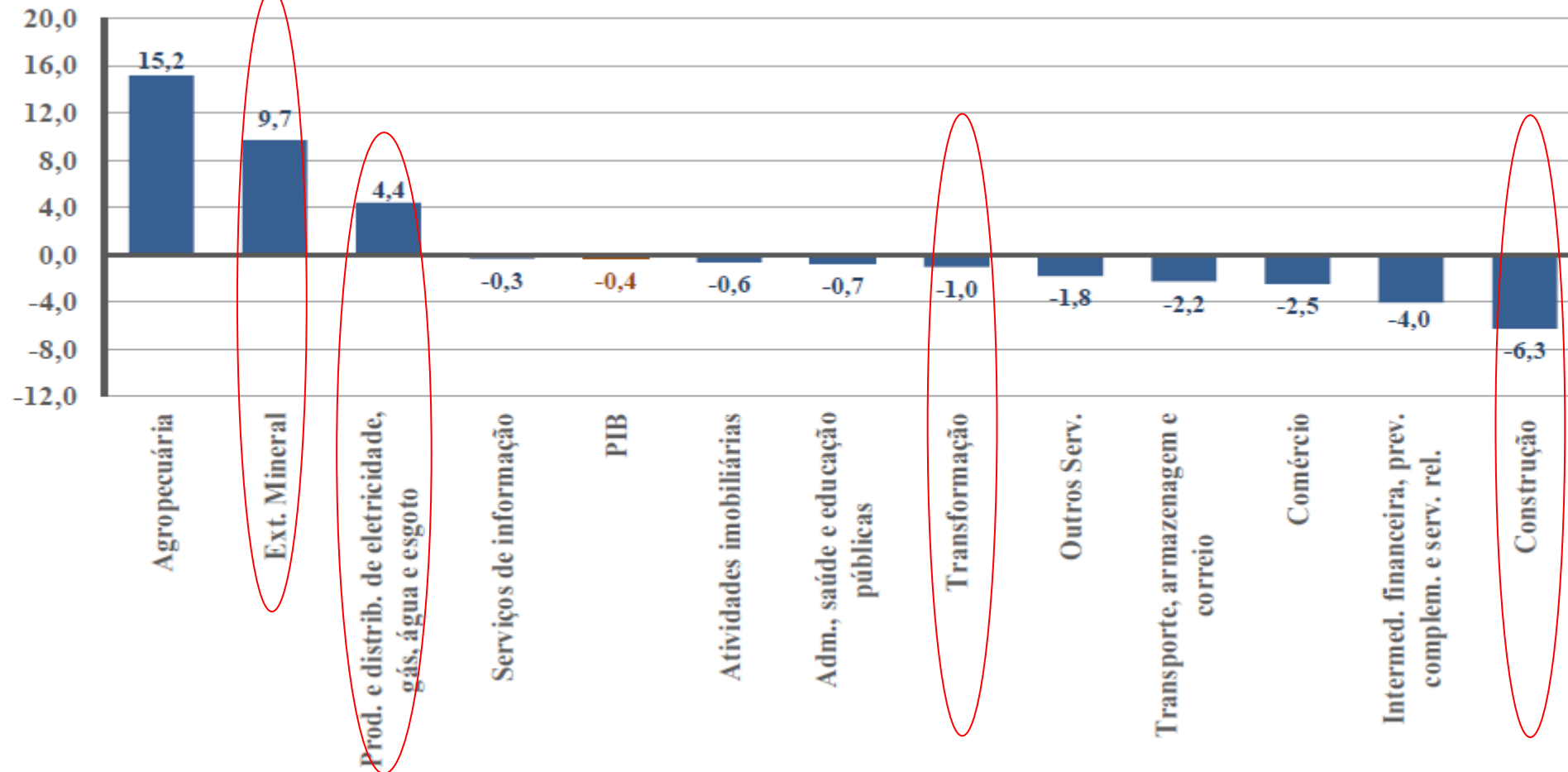
quedas ocorreram nos segmentos de Transporte, armazenagem e correios (-5,9%) e no Comércio (-4,3). Os investimentos (FBCF) recuaram menos: -6,7%, ante -10,2% nos 12 meses acumulados do período anterior. Com a influência da valorização do câmbio e da recessão, as exportações recuaram (-0,4%) assim como as importações (-2,7%).

O PIB nacional a preço de mercado do primeiro trimestre de 2017 correspondeu a R\$ 1,594 trilhão em valores correntes.

# PIB 1º Trimestre de 2017 e Subsetores

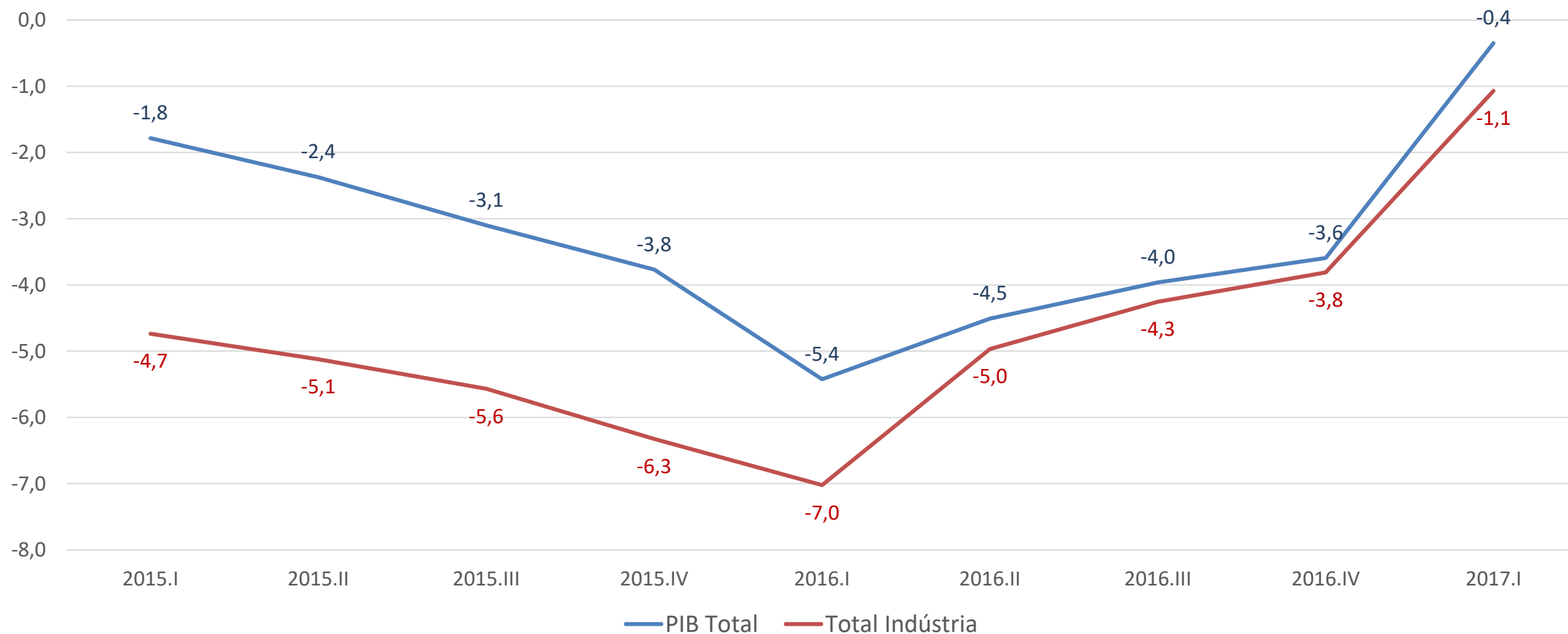
## Variação ante o mesmo trimestre do ano anterior (Em %)

**PIB Indústria  
Total → -1,1%**



# PIB 1º Trimestre de 2017 e Total Indústria

## Variação ante o mesmo trimestre do ano anterior (Em %)



# Cenário Nacional

## A produção industrial de março - tênue recuperação

Após três variações mensais positivas nos últimos quatro meses de 2016, a produção industrial dos setores extrativo e de transformação nacional ainda não cresceu na base mês/ mês anterior com ajuste sazonal. O resultado de fevereiro foi revisado para nulo. No mês de março, a produção física do setor apresentou contração de 1,8% ante o mês anterior. Mesmo assim, a variação em relação a março de 2016 foi positiva (1,1%), da mesma maneira que a variação do trimestre em relação a igual período de 2016 (0,6%), o que se deve à fraca base de comparação. Nos últimos 12 meses terminados em março, o setor apresentou queda de 3,8%. Na mesma base do período 2016/2015, a variação foi de -9,6%, dado que reforça o argumento de tendência de recuperação. Na base de referência março/fevereiro, os quatro macrossetores e 15 dos 24 ramos pesquisados apresentaram recuo na produção. (Carta IEDI, 785 e 787)

No acumulado do primeiro trimestre de 2017, em relação ao mesmo período de 2016, em que a produção total da indústria cresceu 0,6%, houve expansão da produção nos macrossetores de bens de consumo duráveis (10,5%) e de bens de capital (4,4%). Em contraste, bens intermediários (-0,4%) e bens de consumo semi e não duráveis (-0,6%) tiveram retração do volume de produção. O aumento na produção de bens de consumo duráveis foi ajudado pela fabricação de automóveis e de eletrodomésticos. Os bens de capital, por equipamentos usados na agricultura, devido a safra de grãos, e por equipamentos utilizados na construção. Por outro lado, entre os bens intermediários, registre-se a queda na fabricação de coque e derivados de petróleo e de produtos farmoquímicos e farmacêuticos. Entre os bens semi e não-duráveis, destaque-se a influência decorrente do recuo na produção dos não-duráveis, como alimentos, bebidas, cosméticos, perfumaria e produtos de higiene pessoal, sabões e detergentes e produtos de limpeza e polimento. Ainda no balanço do trimestre, a produção na região Nordeste recuou 2,5% (Detalhes na tabela gráfico e síntese da produção nacional).

# Síntese - Cenário Nacional

## **Produção industrial volta a crescer em abril**

De acordo com a publicação do IBGE, no dia 2 de junho, em abril de 2017, a produção industrial nacional mostrou avanço de 0,6% frente a março (série com ajuste sazonal). No confronto com igual mês do ano anterior, o total da indústria apontou recuo de 4,5%. Até o mês de abril, a indústria acumulou decréscimo de 0,7% ante o mesmo período de 2016. Nos últimos 12 meses, a indústria acumulou recuo de 3,6%. A perda de força das contrações, no entanto, segue confirmada. Nos últimos 12 meses terminados em março e em fevereiro, os recuos na produção industrial corresponderam a -3,8% e -4,8%, respectivamente. Registre-se, ainda, que 13 dos 24 ramos pesquisados pela Pesquisa Industrial Mensal, do IBGE apresentaram crescimento entre março e abril.

No que diz respeito ao faturamento real da indústria, a pesquisa Indicadores Industriais, da CNI, apontou crescimento pelo terceiro mês consecutivo na série (com ajuste sazonal). Em março, a variação foi de 2,4% ante fevereiro. Tomando-se, no entanto, o acumulado no trimestre ante igual período de 2016, tem-se uma retração de 6,7% nas vendas reais. A Utilização da Capacidade Instalada (UCI) aumentou de 76,7% para 77,1% na série livre de influências sazonais, entre fevereiro e março. A proporção da UCI indica que a ociosidade ainda é significativa na indústria nacional, cuja média histórica entre 2003 e 2014 gira em torno de 82,2%.

# Indústria Nacional

## (Produção Física)

### Produção industrial recua 1,8% em março (PIM-IBGE)

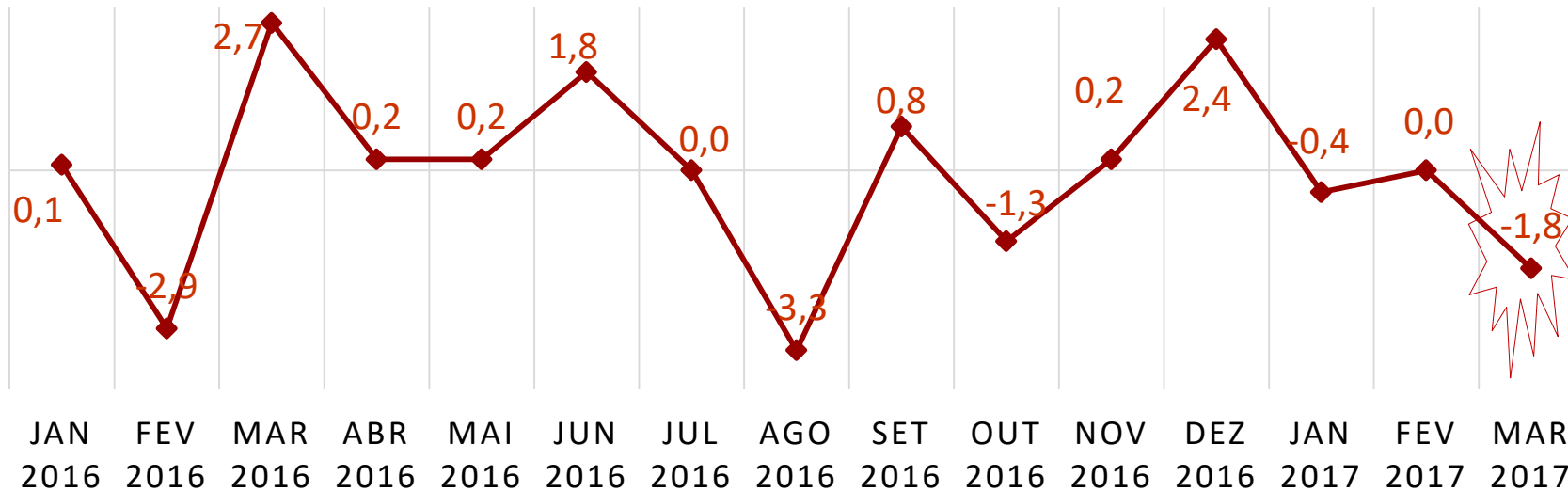
- A produção física industrial brasileira caiu 1,8% em março, após variação nula em fevereiro (dado revisado) e negativa em janeiro. No confronto com março de 2016, o setor assinalou crescimento de 1,1%. No primeiro trimestre do ano, a indústria acumulou crescimento de 0,6% e retração de 3,8% nos últimos 12 meses até março.
- Na passagem de fevereiro para março (com ajuste sazonal), a produção industrial caiu nos quatro macrossetores: bens de capital (-2,5%), bens de consumo duráveis (-8,5%), bens intermediários (-2,5%) e bens de consumo semiduráveis e não-duráveis (-1,8%). Na base março 2017/março de 2016, as variações corresponderam a 4,4%; 8,5%; 0,6%; e -0,5% na mesma ordem.
- Dentre os 24 ramos pesquisados, a produção recuou em 15 relativamente a fevereiro. Destaque negativos: Veículos automotores, reboques e carrocerias (-7,5%); Farmoquímicos e farmacêuticos (-23,8%) e Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-3,3%). Principais influências positivas: Alimentos (1,3%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (0,40%) e celulose, papel e produtos de papel (2,04%).
- No mesmo período, a produção caiu em 8 das 14 regiões pesquisadas: Santa Catarina (-4,0%); Ceará (-3,1%); Paraná (-2,9%); Minas Gerais (-2,8%); Pará (-2,7%); São Paulo (-1,7%); Rio Grande do Sul (-1,2%) e Espírito Santo (-0,7%). Pernambuco apresentou variação nula. Os crescimentos foram assinalados no Amazonas (5,7%); Bahia (2,0%); Rio de Janeiro (0,7%) e Goiás (0,5%). O conjunto do Nordeste cresceu, mais uma vez, 0,1%.

### Faturamento da indústria cresce 2,4% em março (CNI – Indicadores Industriais)

- De acordo com a pesquisa Indicadores Industriais, da CNI, o faturamento real da indústria nacional cresceu 2,4% entre fevereiro e março (com ajuste sazonal), mas acumula retração de 6,7% no primeiro trimestre ante igual período de 2016; as horas trabalhadas recuaram, 0,7% no mês. No entanto a Utilização da Capacidade Instalada aumentou de 76,7% de 77,1%. A utilização média do primeiro trimestre de 2017 é 0,7 ponto percentual inferior à registrada em igual período de 2016.

# Indústria Nacional

Produção Industrial PIM-PF/IBGE –  
(variação mês/mês anterior, com ajuste sazonal), em %



Variação na produção Março 2017 / fevereiro de 2017 (com ajuste sazonal) → -1,8%

Março 2017 / março 2016 → 1,1%

Janeiro-março 2017 / janeiro-março de 2016 → 0,6%

Janeiro-março 2016 / janeiro-março de 2015 → -11,5%

Acumulado nos últimos 12 meses até março → -3,8%

Acumulado em 12 meses até março 2016 / 2015 → -9,6%

# Produção Industrial – Brasil e Região Nordeste

Taxa de Crescimento Acumulado – Janeiro-Março de 2017 / Janeiro-Março de 2016

Região	Principais contribuições positivas	Principais contribuições negativas
Brasil (0,6%)	Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (18,3%)	Farmoquímicos e farmacêuticos (-15,5%)
	Veículos automotores, reboques e carrocerias (10,8%)	Impressão e reprodução de gravações (-13,7%)
	Indústrias extrativas (1,03%)	Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-9,6%)
	Confecção de artigos do vestuário e acessórios (8,0%)	Outros equip. de transporte, exceto veículos (-9,4%)
	Produtos têxteis (6,2%)	Móveis (-5,5%)
Nordeste (-2,5%)	Veículos automotores, reboques e carrocerias (24,5%)	Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-12,0%)
		Metalurgia (-25,4%)
		Indústrias extrativas (-5,3%)
		Alimentos (-3,1%)

# Cenário Nacional

## **A construção civil persiste em queda em abril**

A Sondagem Indústria da Construção, da CNI, assinala continuidade na contração do nível de atividade do setor no conjunto do país, em abril. No entanto, nos últimos doze meses, o indicador do nível de produção só é menor do que do de março. Isto quer dizer que, mesmo oscilando, a construção está em trajetória de redução de perdas. Em maio, as expectativas dos empresários em relação aos próximos seis meses são estáveis no que diz respeito ao nível de atividade, mas os empresários ainda esperam recuo nas contratações de pessoal e de novos empreendimentos e serviços.

## **Movimento no mercado de trabalho**

No trimestre terminado em março, a taxa de desocupação do país alcançou de 13,7%, ante 13,2% no trimestre finalizado em fevereiro. O desemprego atingiu 14,176 milhões de pessoas, com crescimento de 14,9% em relação ao trimestre terminado em dezembro e 27,8% ante o primeiro trimestre de 2016. Mesmo assim, quando comparado com os dados do trimestre terminado em fevereiro (ante o trimestre terminado em novembro), constata-se um avanço moderado no número de pessoas desempregadas e queda menos intensa no contingente de ocupados. A variação menos negativa da ocupação no conjunto da Indústria (exceto Construção) no período é que influenciou esta tendência.

Apesar do aumento da taxa de desocupação, a renda real das pessoas ocupadas aumentou em todas as bases de referência consideradas, o que pode ser explicado pelo recuo das taxas de inflação.

Os dados mais recentes de PNAD Contínua, divulgado em 31 de maio, registram que a taxa de desocupação foi estimada em 13,6% no trimestre móvel encerrado em abril de 2017, ficando 1,0 ponto percentual acima da taxa do trimestre que terminou em janeiro (12,6%). Todavia, ficou -0,1 ponto percentual abaixo da taxa do trimestre encerrado em março (13,7%), mostrada acima. A população desocupada correspondeu a 14,0 milhões de pessoas e cresceu 8,7% em relação ao trimestre terminado em janeiro e 23,1% ante o trimestre terminado em abril de 2016. No entanto é 1,04% inferior ao contingente do trimestre janeiro-março.

# Síntese - Cenário Nacional

O CAGED registrou a criação de 59.826 vagas com carteira assinada em abril, proporcionando um aumento de 0,16% no estoque de empregados com vínculo formal. Foi o melhor resultado para o mês, desde 2014. Trata-se do segundo saldo positivo de 2017, depois do resultado de fevereiro quando foram abertas 35.612 vagas. Em abril de 2016, foram fechados 62.844 postos de trabalho. No mês em análise, apenas a Construção Civil apresentou saldo negativo (-1.760 vagas). Os serviços, juntamente com administração pública, foi quem mais contratou (26.999 vagas), com destaque para serviços médicos e odontológicos. O saldo da Agropecuária foi o segundo destaque positivo (14.648 vagas), graças ao início do corte da cana-de-açúcar e à colheita do café no Sudeste. Em contrapartida, o fim da safra sucroalcooleira no Nordeste contribuiu para atenuar o saldo de contratações na cadeia nacional do segmento. As demais atividades industriais, a saber, Extrativas, Transformação e Eletricidade, gás e água apresentaram balanço positivo conjunto de 14.642 vagas. 15 Unidades da Federação apresentaram saldo positivo em abril, com destaques para São Paulo (+30.227 vagas), Minas Gerais (+14.818 vagas) e Bahia (+7.192 vagas). Dentre os 12 com resultado negativo, as maiores retrações foram assinaladas por Alagoas (-4.008 vagas), Rio Grande do Sul (-3.044 vagas) e Rio de Janeiro (-2.554 vagas). O Rio Grande do Norte ficou na sétima posição (-921) negativa em ordem decrescente.

## **O Varejo se reduz perdas mas os Serviços não reagem**

A receita real de vendas (volume de vendas) do varejo completou em março 24 meses sem crescer, na base mês/mês do ano anterior, e a do varejo ampliado não avança há 34. Todavia, a tendência de redução de perdas, em que as variações das vendas reais são cada vez menos negativas, se mantém desde novembro de 2016, nas duas modalidades. No comércio restrito, as vendas reais acumularam queda de 3,6% no período novembro a março de 2017, ante igual

# Síntese - Cenário Nacional

período do ano anterior, enquanto a variação na base 2016/2015 correspondeu a -7,2%. No varejo ampliado, que inclui veículos, motos, partes e peças e material de construção, as taxas corresponderam a -4,06% e -10,6%, respectivamente. No mês de março, especificamente, o volume de vendas do varejo recuou 4% em relação ao mesmo mês de 2016, acumulando perda de 3% no trimestre ante o mesmo período do ano anterior. No comércio ampliado, as variações corresponderam a -2,7% e -2,5% na mesma ordem.

Por sua vez, a atividade de serviços continua sem dar mostras de reação no balanço do conjunto do país. Ou seja, a receita real (volume de serviços) está em retração há 27 meses na base anualizada, e com taxas de variação estáveis. No período de julho de 2016 até março de 2017, a receita real de serviços caiu 5%, em média, na três bases de comparação: anualizada, no acumulado do ano, e em 12 meses.

O uso dos recursos liberados do FGTS, a queda na inflação e a redução recente nos juros devem ajudar à continuidade da recuperação do varejo e podem proporcionar algum impacto nos serviços no curto prazo. No entanto, a recuperação efetiva do setor só deve ocorrer com o crescimento da massa salarial, que depende da recuperação do emprego. Portanto, a partir do último trimestre do ano é que se pode verificar uma retomada do crescimento do comércio e início da fase de redução de perdas dos serviços, caso a trajetória atual de recuperação não venha a ser interrompida. Mesmo assim, é importante assinalar que em algumas regiões os serviços já se encontram em recuperação, como é o caso do Rio Grande do Norte, em que o balanço acumulado do trimestre é positivo.

## Indicadores de Ocupação com Carteira e sem Carteira Jan-fev-mar 2017

### Brasil

Indicador	Estimativas dos Trimestres			Variações	
	jan-fev-mar/2016	out-nov-dez /2016	jan-fev-mar /2017	Em relação ao trimestre anterior	Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior
Taxa de desocupação (em %)	10,9	12,0	13,7	1,7 pp	2,8 pp
No de pessoas desocupadas (em 1.000)	11.089	12.342	14.176	14,9%	27,8%
Nº de pessoas ocupadas (em 1.000)	90.639	90.262	88.947	-1,5%	-1,9%
Nº de pessoas ocupadas na Indústria Geral (em 1.000)	11.722	11.412	11.380	-0,3%	-2,9%
Nº de pessoas ocupadas na Construção (em 1.000)	7.555	7.078	6.836	-3,4%	-9,5%
Nº de pessoas ocupadas na Agropecuária (em 1.000)	9.440	8.922	8.682	-2,7%	-8,0%
Nº de pessoas ocupadas no Comércio e Serviços (em 1.000)	61.915	62.845	62.037	-1,3%	0,2%
Rendimento médio real habitual (em R\$)	2.059,00	2.064,00	2.110,00	2,2%	2,5%

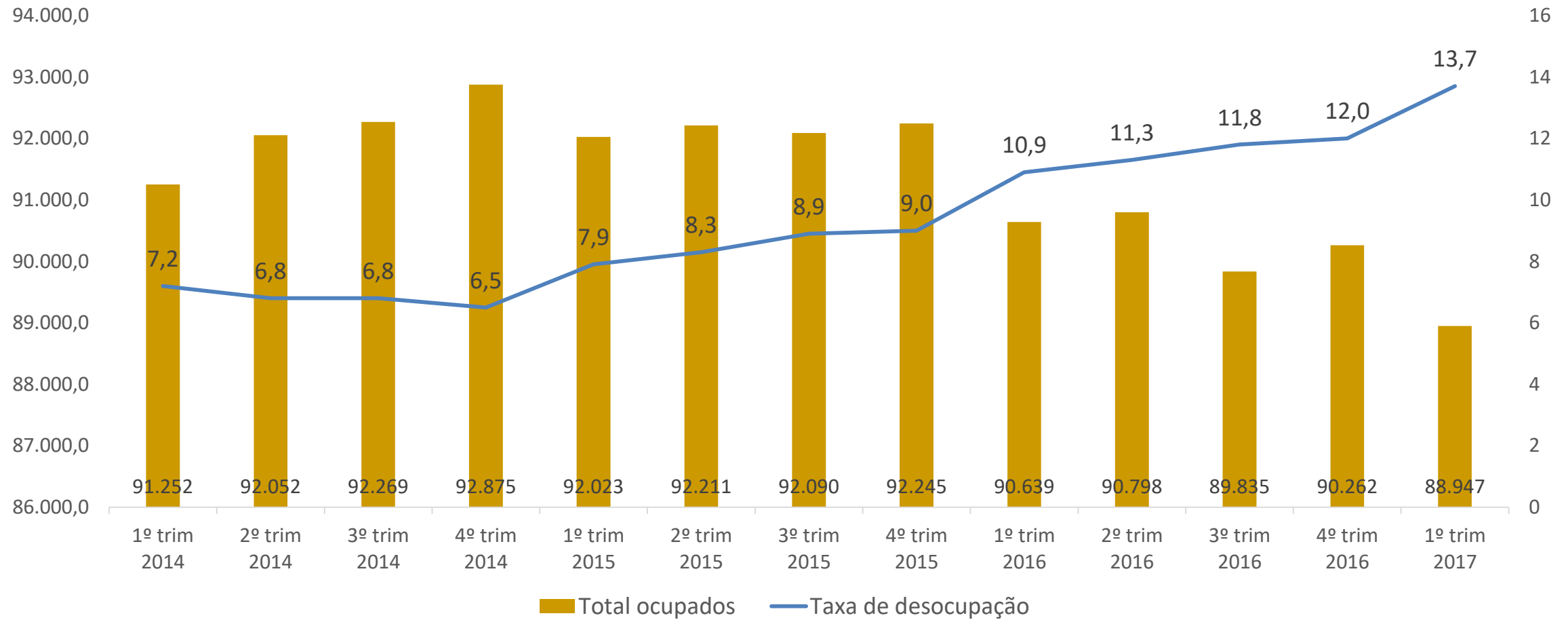
Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – PNAD Contínua. Tabelas resumo n. 4; 5; 15; 16; 27 e 28

# Brasil

## Evolução do número de ocupados e da taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade 1º Trim de 2014 a 1º Trim de 2017

Em 1.000

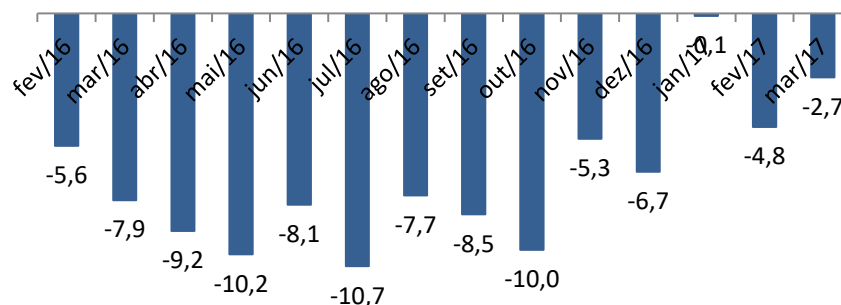
Em %



## Comércio Varejista - Pesquisa Mensal de Comércio

	Março 2017/ março 2016	Acumulado Janeiro-março 2017 / Janeiro-março 2016	Acumulado nos últimos 12 meses até março
<b>VOLUME DE VENDAS</b>			
- Varejo Restrito	-4,0%	-3,0%	-5,3%
-Varejo Ampliado *	-2,7%	-2,5%	-7,1%

Brasil - Variação do Volume de Vendas no Varejo Ampliado\* - igual mês do ano anterior até março 2016 a 2017 (Em %)



Fonte: IBGE – PMC, fevereiro de 2017. \* Inclui o varejo restrito mais veículos e motos, partes e peças e material de construção. Com detalhes gráficos na seção do Rio Grande do Norte

**Volume de Vendas – Varejo Ampliado** → Crescimento em 4 dos 10 segmentos pesquisados

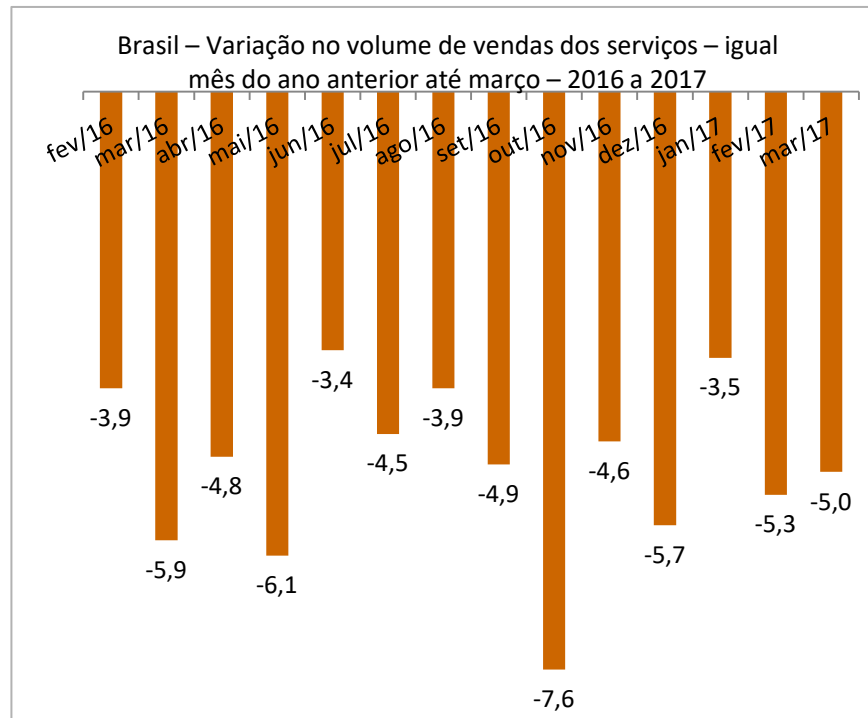
**Crescimento em março** → Tecidos, vestuário e calçados; Móveis e eletrodomésticos; Livros, jornais, revistas e papelaria; Material de construção.

**Maiores recuos p/ ordem decrescente de retração** → Equipamentos e material para escritório, informática e comunicação; Hipermercados, supermercados, prod. alimentícios bebidas e fumo; Veículos e motos, partes e peças; Outros artigos de uso pessoal e doméstico; Combustíveis e lubrificantes; Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos.

→ O varejo ampliado completou em março, na relação mês/igual mês do ano anterior, 32 meses ininterruptos sem crescimento (ilustração no gráfico acima). No entanto, a intensidade das quedas da receita real de vendas (volume de vendas) vem perdendo força desde novembro de 2016. Dessa maneira, na série de índices mensais de base fixa, a variação acumulada do varejo ampliado entre novembro de 2016 e março de 2017 é de -4,06%, enquanto na mesma base de 2016/2015 é de -10,6%.

## Volume de Serviços - Pesquisa Mensal de Serviços

	Março /2017 março 2016	Janeiro-março 2017/ Janeiro-março 2016	Acumulado nos Últimos 12 meses até março
<b>VOLUME DE SERVIÇOS</b>	-5,0%	-4,6%	-5,0%



Fonte: IBGE – PMS, fevereiro 2017. Com detalhes gráficos na seção do Rio Grande do Norte

**Volume de Serviços (receita real): → dois subsetores cresceram em março**

**Crescimento em março →** Armazenagem, serviços auxiliares do transportes e correio e Transporte aquaviário.

**Maiores quedas →** Serviços técnico profissionais; Transporte aéreo; Outros serviços; Atividades turísticas; Transporte aéreo; Serviços administrativos e complementares ; Outros serviços prestados às famílias; Transporte terrestre; Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias; Serviços de alojamento e alimentação; Serviço de Tecnologia da Informação – TIC.

→ No mês de março, a receita real dos serviços (volume de serviços) do Brasil continuou a cair com a mesma intensidade assinalada nos meses anteriores. A variação do indicador em relação a igual mês do ano anterior (ilustração no gráfico acima) está em queda há 27 meses (desde janeiro de 2015). Portanto, não há sinais de recuperação nos serviços no âmbito nacional.

# Inflação - Abril

A inflação de abril, medida pelo IPCA cresceu 0,14% em relação ao mês anterior. No primeiro quadrimestre de 2017, o índice acumulou variação de 1,1%; e nos últimos 12 meses, avançou 4,08%, portanto, abaixo do centro da meta anual, de 4,5%. Para o IBGE, responsável pelo cálculo do índice, esta é a menor taxa do IPCA em 12 meses desde julho de 2007, quando se situou em 3,74%.

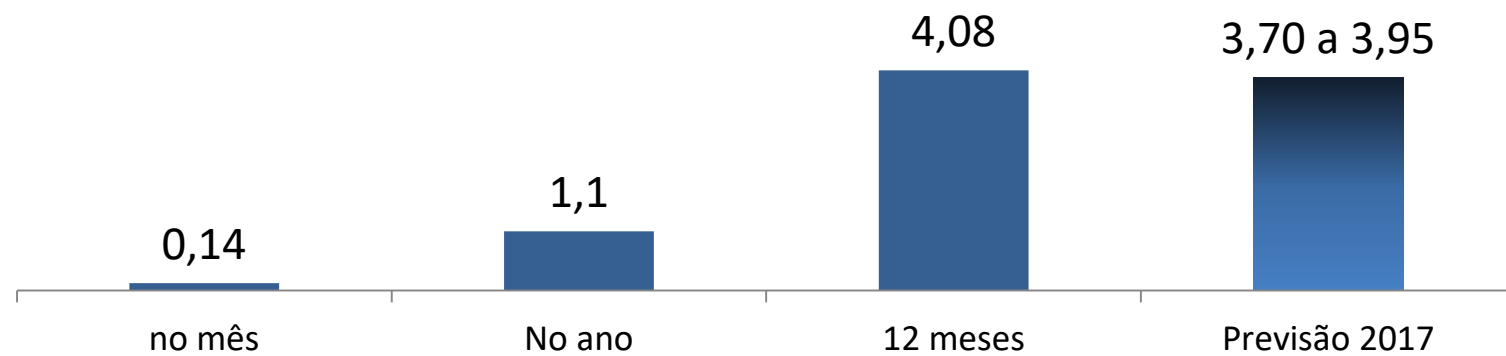
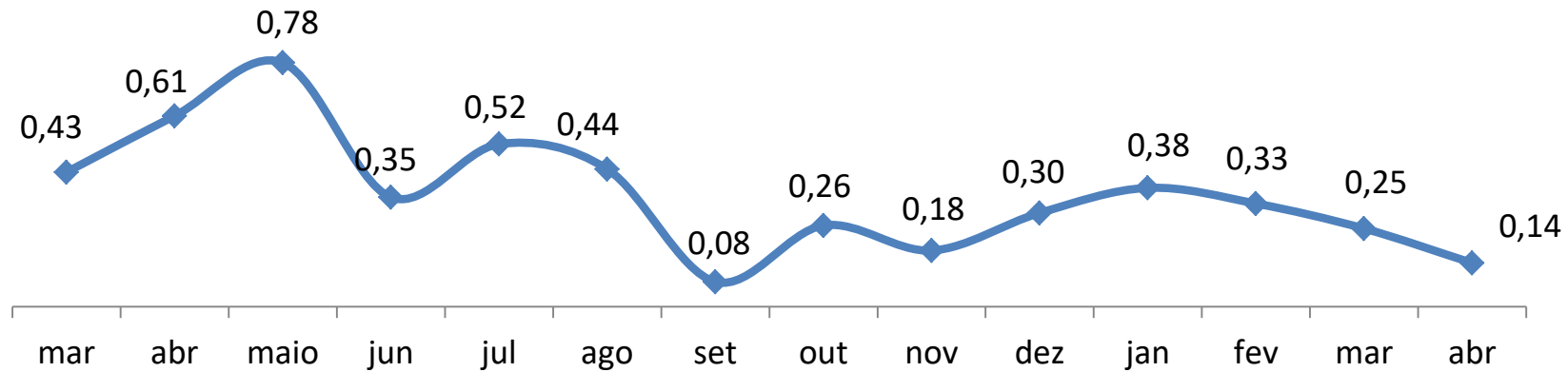
A redução nas tarifas de energia elétrica e nos preços dos combustíveis, dois importantes itens no orçamento das famílias, exerceram as maiores contribuições para a desaceleração na taxa do IPCA de abril.

As previsões para a inflação em 2017 já se encontram abaixo dos 4%. De acordo com o Boletim FOCUS, publicado pelo Banco Central do Brasil, de 26 de maio, o IPCA deve encerrar o ano entre em 3,70% (mediana Top 5 - previsões de maior acerto) e 3,95% (mediana – agregado), (BCB, FOCUS – Relatório de Mercado).

Com a continuidade da queda da inflação, na reunião dos dias 30 e 31 de maio, o COMPOM (Conselho de Política Monetária) cortou a taxa SELIC em um ponto percentual para 10,25% ao ano.

Para o mês de maio, segundo a mesma fonte (medianas Top 5 e Agregado), a inflação deve se situar entre 0,44% e 0,46%.

# Trajetória mensal do IPCA em 12 meses 2015 a 2016 (Em %) - Abril



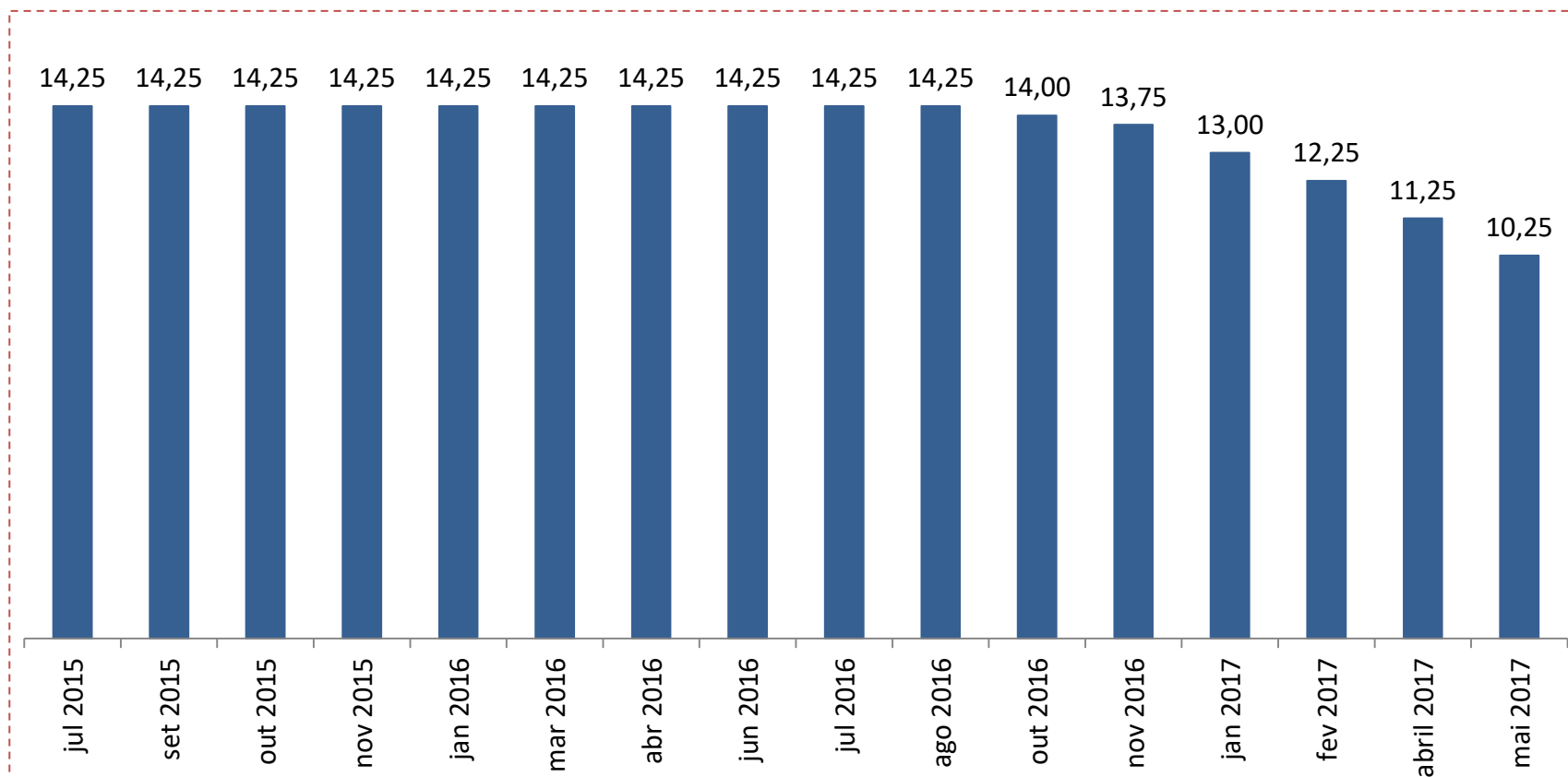
Fonte: Banco Central e IBGE. Elaboração: FIERN.

NOTA: \* Estimativas Focus, Mediana - Top 5 e Mediana - Agregado (26/05/2017).

# Trajetória da SELIC

## julho de 2015 a maio de 2017 (Em %)

→ A SELIC diminuiu 4,0 pontos percentuais entre agosto de 2016 e maio de 2017

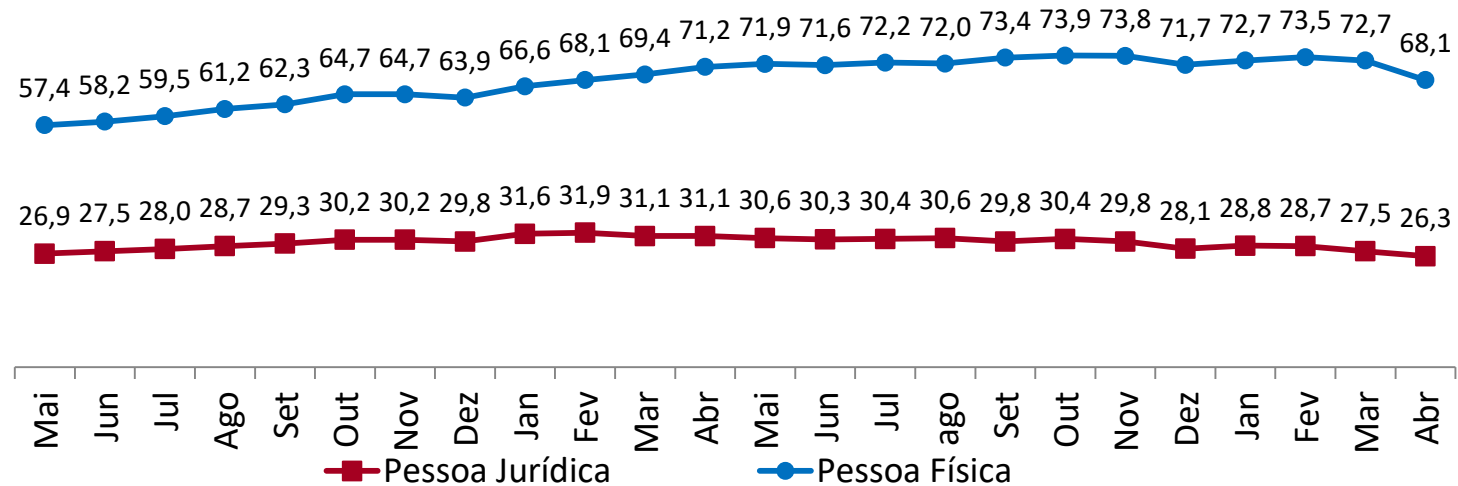


# Brasil - Evolução das taxas médias de juros: Maio 2015 – Abril 2017

## Recursos Livres

Pessoa Jurídica e Pessoa Física

Em % ao ano



Spreads em abril de 2017

**Pessoa Física = 57,8 pp**

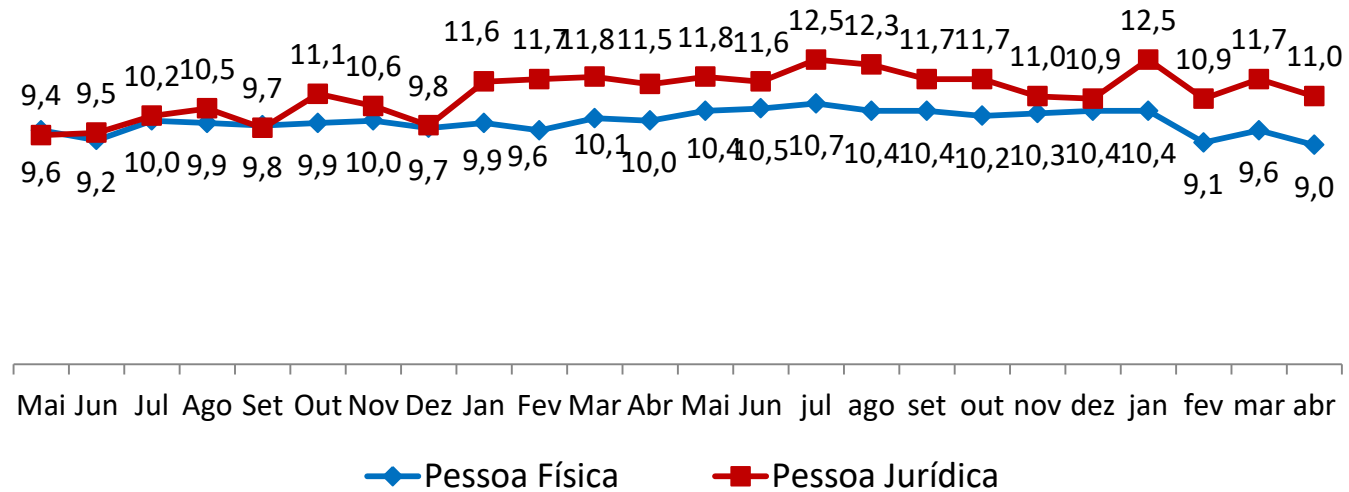
**Pessoa Jurídica = 16,8 pp**

# Brasil - Evolução das taxas médias de juros: Maio 2015 – Abril de 2017

## Recursos Direcionados

Pessoa Jurídica e Pessoa Física

Em % ao ano



Spreads em abril de 2017

**Pessoa Jurídica = 4,8 pp**

**Pessoa Física = 3,7 pp**

# Cenário Nacional

## Perspectivas dos indicadores econômicos

A seguir, projeções da CNI, do Boletim FOCUS – Mediana Agregado (Banco Central) e da 4E Consultoria para os principais indicadores macroeconômicos em 2017 (fim de período), nos dias 23, 26 e 25 de maio, respectivamente. (Detalhes no slide correspondente). A CNI repetiu as mesmas previsões de 25 de abril.

Ficam mantidas as previsões de que a economia deverá voltar a crescer apenas no terceiro e quarto trimestres de 2017, e de que a variação do PIB ocorrerá em intensidade modesta. A previsão da CNI em 23 de maio para o indicador, continuou a mesma de 20 de fevereiro, ou seja, 0,5%. O FOCUS voltou a aumentar sua estimativa, que, entre 20 de abril e 26 de maio, aumentou de 0,43% para 0,49%. Em contrapartida, a previsão da 4E Consultoria voltou a ficar mais negativa entre 27 de abril e 25 de maio, ao recuar de -0,1% para -0,3% .

A estimativa de crescimento do PIB industrial não mudou, pela ótica da CNI (1,3%), enquanto a da 4E Consultoria diminuiu de 0,4% para -0,1%. O Boletim FOCUS, que trabalha com o indicador de produção industrial, reduziu sua projeção de crescimento de 1,36% para 1,30%.

O ritmo do processo de desinflação tem ocorrido, até aqui, com mais força do que as previsões da CNI, do Boletim FOCUS e da 4E Consultoria. Dessa maneira, as projeções para o IPCA em 2017 passaram de 4,20%, 4,04% e 4,30%, nas respectivas projeções anteriores, para 4,20%, 3,95% e 4,10%, na mesma ordem, nas estimativas atuais.

No mês de maio, a taxa SELIC, do Banco Central, se encontrava em 10,25%. Com a recessão e o rápido processo de queda da inflação, o mercado espera cortes mais vigorosos nos juros básicos nos próximos meses. As estimativas da CNI, FOCUS e 4E Consultoria não sofreram alteração em maio, ou seja, continuaram, as duas primeiras em 8,50%, e a terceira em 8,25%.

Apesar do comportamento volátil do câmbio e da desvalorização mais intensa do real na última quinzena de maio, as estimativas para a cotação do dólar no final do ano não devem conservar influência dos eventos políticos recentes, uma vez que as previsões chegaram mesmo a recuar ante as posições de abril. A previsão mínima para a cotação do dólar no final do ano ainda é do FOCUS, em R\$ 3,23, passando por R\$ 3,25 pela CNI e máxima R\$ 3,52, pela 4E Consultoria.

Quanto ao saldo da balança comercial (exportações menos importações) no encerramento de 2017, a CNI manteve sua projeção de fevereiro (em US\$ 44,00 bilhões). A do FOCUS aumentou de US\$ 53,00 bilhões para US\$ 56,20 bilhões e a 4E Consultoria manteve em US\$ 49,00 bilhões .

Finalmente, no que diz respeito ao saldo das transações correntes com o resto do mundo no final do ano, apenas a previsão do FOCUS mudou, recuando de US\$ -26 bilhões para US\$ -23 bilhões, enquanto a CNI manteve-se em US\$ -26 bilhões e a 4E Consultoria em US\$ 24,00 bilhões..

# Indicadores Econômicos

## Previsões para 2017

Indicador	CNI (23/05/2017)	Focus (26/05/2017)	4E Consultoria (25/05/2017)
PIB (variação anual) (%)	0,50	0,49	-0,3%
Produção Industrial (variação anual) (%)	1,30*	1,30	-0,1*
IPCA (variação anual) (%)	4,20	3,95	4,10
Taxa de câmbio (R\$/US\$)(fim de ano)	3,25	3,23	3,52
Taxa nominal de juros (SELIC) (fim do ano) (%)	8,50	8,50	8,25
Saldo Comercial (US\$ bilhões)	44,00	56,20	49,00
Saldo em Conta Corrente (US\$ bilhões) (fim de ano)	-26,0	-23,00	-24,00

\*PIB industrial

Fonte: Banco Central: FOCUS, Mediana Agregado, 26 de maio de 2017;

CNI: Situação da economia e perspectivas, 23 de maio de 2017.

4E Consultoria: Projeções, 25 de maio de 2017

Elaboração: FIERN

**Rio Grande do Norte**

# Cenário Econômico - Rio Grande do Norte

## Destques – Síntese Rio Grande do Norte

Na atual fase de recuperação da crise cíclica, os indicadores de atividade vêm assumindo comportamento oscilante. As taxas negativas já começaram a perder força. Mas a dúvida que persiste, tanto em relação ao Brasil com ao Rio Grande do Norte, é sobre quando a economia voltará, de fato, a crescer, uma vez que a reação positiva tem sido mais lenta do que o previsto. A crise política tem jogado um papel fundamental nessa indefinição. Na edição anterior dos Indicadores Conjunturais, com diversos dados da economia potiguar - do primeiro bimestre e alguns de março -, foi possível montar um quadro com contornos favoráveis: variações menos negativas da maior parte dos indicadores e outros assinalando crescimento. Destaque-se o aumento no nível da atividade nas indústrias extrativas e de transformação em março, assinalado pela Sondagem Industrial da FIERN, e os saldos positivos nas contratações de mão-de-obra com carteira assinada no primeiro trimestre, pela construção civil, o setor mais afetado pela crise, conforme o CAGED.

O presente informe, no entanto, mostra que algumas reações positivas de março não se sustentaram em abril, em que pese a manutenção da perda de força das contrações da maior parte dos indicadores.

A melhor informação do período diz respeito ao aumento da confiança do empresário industrial potiguar no mês de maio, após seis meses com o ICEI (Índice de Confiança do Empresário Industrial Potiguar) abaixo de 50 pontos, limite que separa confiança de falta de confiança. Pela pontuação atribuída ao longo do tempo, constata-se que, na percepção dos empresários, as condições atuais da economia brasileira, do estado ou da própria empresa são relativamente melhores do que as dos últimos três anos, mas ainda não chegam a transmitir confiança. Na realidade, são as expectativas em relação aos próximos seis meses o que, de fato, tem contribuído para melhorar o otimismo do empresário potiguar. Mas este tampouco é generalizado. Ele está restrito às médias e grandes empresas dos setores extrativo e de transformação, enquanto a construção e as indústria de pequeno porte ainda vêm reafirmando falta de confiança.

## Cenário Econômico - Rio Grande do Norte

Quanto aos indicadores que reagiram positivamente em março mas voltaram a cair em abril, o que mede o nível de atividade da Sondagem Industrial da FIERN apontou queda em todos os portes empresariais, chegando à menor pontuação, desde novembro de 2016.

Por sua vez, apesar de não registrar crescimento em abril, a Sondagem da Construção assinalou o maior nível de atividade, desde setembro de 2014. Mesmo assim, os empresários do setor não expressaram intenção de aumentar as contratações de novos empreendimentos e serviços nos próximos seis meses.

O comportamento do consumo industrial de energia elétrica mostrou que no quadrimestre janeiro-abril, a atividade produtiva no setor caiu com menos força do que no mesmo período de 2016. O desempenho dos oito ramos com detalhamento disponível não sofreu modificação em comparação com o balanço apresentado no informe anterior. Ou seja, três agrupamentos produtivos com queda no consumo no primeiro quadrimestre de 2016, apresentaram crescimento no quadrimestre atual: Têxteis, Alimentos e Bebidas e Outras indústrias. Outros três amortizaram as contrações: Construção, Vestuário e Fabricação de produtos de minerais não-metálicos. No entanto, dois ramos com desempenho positivo em 2016, apresentaram recuo no quadrimestre em análise, a saber, Extração de Petróleo e Gás natural e Extração de minerais não-metálicos. Neste último caso, a diminuição das atividades de Petrobras no estado e a queda na produção de cimento e derivados explicam a reversão.

Quanto à intenção de investimento dos empresários, as duas sondagens industriais da FIERN assinalam aumento no indicador correspondente. A sondagem das Indústrias Extrativas e de Transformação mostra que o indicador de intenção de investimento de maio era o mais elevado desde dezembro de 2014. Por sua vez, a Sondagem Indústria da Construção registrou a maior pontuação do indicador desde fevereiro de 2015.

Além da indústria, outras atividades evidenciam recuperação. O Comércio manteve, em março, a diminuição de perdas na receita real de vendas iniciada em novembro de 2016. A queda nos juros e nas taxas de inflação, além do uso de recursos liberados do FGTS têm desempenhado papel importante nessa tendência. No entanto, a reação é mais clara

## Cenário Econômico - Rio Grande do Norte

no varejo restrito do que no ampliado (que inclui veículos, motos, partes e peças material de construção).

Os Serviços potiguares deram continuidade ao movimento de recuperação da receita real (volume de serviços), iniciado em setembro de 2016. Até aqui, a recuperação da atividade tem sido mais rápida do que a da indústria e do comércio. Até março, a receita real de serviços apresentou dois meses de crescimento, acumulando balanço positivo no trimestre ante igual período do ano anterior. Todavia, é importante ressaltar que a atividade dos serviços no conjunto do país ainda não começou a reagir, conforme mostrado anteriormente e ilustrado nos gráficos e tabela do slide correspondente desta seção.

Apesar da tendência de recuperação de perdas, seja na produção industrial, nas vendas do varejo ou na receita de serviços, o ponto mais crítico relacionado à recuperação da economia potiguar diz respeito ao nível da desocupação, ainda que algumas atividades já comecem a melhorar a absorção de mão de obra. No primeiro trimestre de 2017, a taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade atingiu 16,3%, a sexta maior do país. São 250.00 pessoas desocupadas. O número total de ocupados no primeiro trimestre de 2017 diminuiu em 26.000 pessoas quando comparado ao primeiro trimestre de 2016. O conjunto da indústria perdeu 4.000 ocupantes nesta base de referência. Registre-se, no entanto, que se for excetuada a construção, constata-se que o pessoal do restante da indústria manteve-se estável em relação ao último trimestre de 2016, mas tem 10.000 ocupantes a mais do que no primeiro trimestre do ano anterior. A Agropecuária tem 8.000 empregados a mais do que no primeiro trimestre de 2016. O conjunto do comércio e serviços tem 16.000 ocupantes a menos em relação ao último trimestre de 2016 e perdeu 18.000 ocupantes em relação ao primeiro trimestre de 2016. No entanto, se forem retirados os registros do agrupamento de comércio e reparação de veículos automotores, chega-se a conclusão de que o restante dos serviços, tem 5.000 pessoas ocupadas a mais do que no último trimestre de 2016, e ganhou 10.000 ocupantes quando comparado ao contingente ocupado no primeiro trimestre de 2016.

Os dados da ocupação mostram que as atividades que deram início à recuperação na produção já conseguem

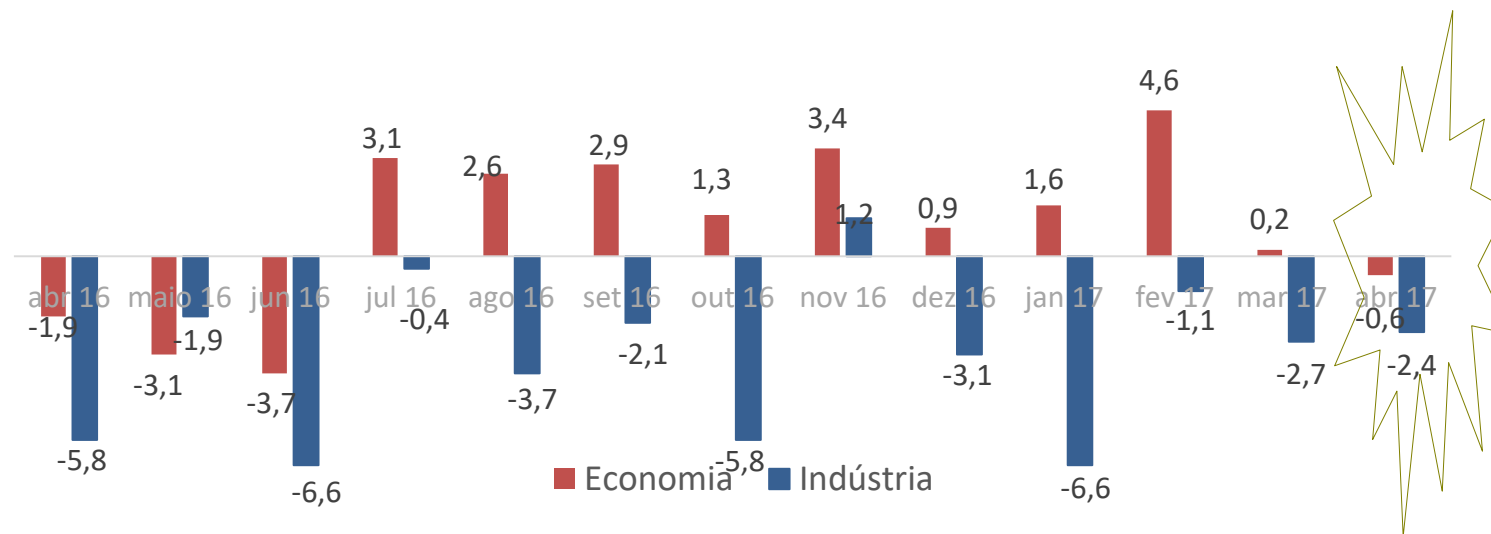
## Cenário Econômico - Rio Grande do Norte

aumentar a absorção de mão de obra, como Agropecuária, Indústria Geral e Serviços. No entanto, as ofertas de emprego são ainda insuficientes para atender a demanda crescente por ocupação. E esta movimentação de desempregados pressionando o mercado de trabalho faz que com que a taxa de desocupação fique cada vez mais elevada. Portanto, os pontos mais críticos do desemprego estão na atividade do comércio e na indústria da construção. É importante, ainda, ressaltar que, mesmo com a ampliação do desemprego, a renda média real habitual do potiguar aumentou (0,9% ante o trimestre terminado em dezembro e 9,1% em relação ao primeiro trimestre de 2016), o que foi tornado possível com a queda das taxas de inflação.

Se o quadro geral da ocupação ainda não apresenta justificativa para comemoração, tendo em vista que a taxa de desemprego potiguar vem atingindo sucessivos recordes, o balanço do emprego com carteira assinada de abril tampouco sinaliza melhora significativa. É bem verdade que o volume total de vagas cortadas em relação a abril de 2017 foi inferior ao do mesmo período de 2016. No entanto, o conjunto da indústria intensificou os cortes nas duas bases de comparação, interrompendo a tendência de moderação observada em meses anteriores. A maior influência para a piora do quadro do emprego com carteira em abril veio da construção, que não conseguiu manter o ritmo de abertura de vagas verificado nos meses de janeiro e março., e voltou a liderar o volume de dispensas.

A retomada dos investimentos é fundamental para a recuperação do mercado de trabalho no Brasil e no Rio Grande do Norte, porque é a partir daí que se vai recompor a massa do rendimento da população. No entanto, a agenda política recente do país gerou alguns pontos de interrogação sobre o rumo da condução da economia e dos negócios, no curto e longo prazo, o que inclui o destino dos projetos de reforma da previdência e de modernização das leis trabalhistas, que já vinham sendo consideradas como certas.

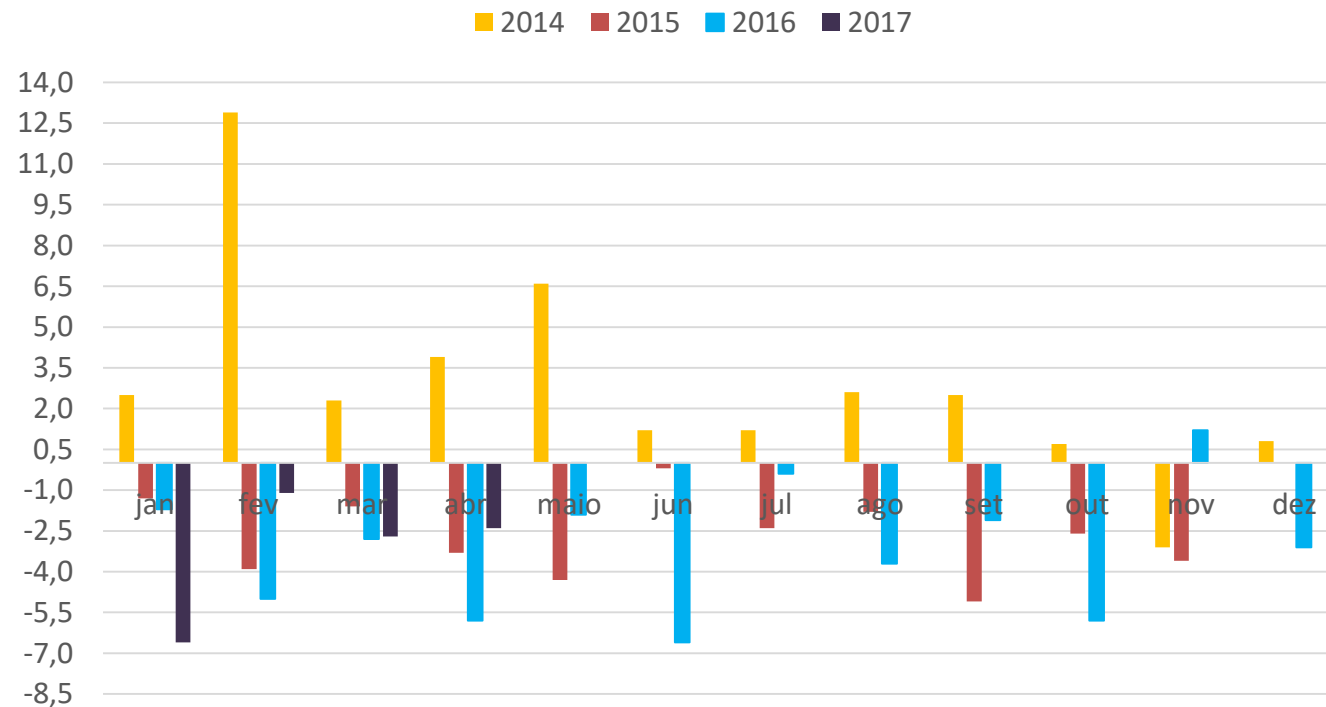
**Consumo de Energia – Rio Grande do Norte**  
**Conj. da Economia e Indústria**  
**Varição (Em %) → Ante igual mês do ano anterior – até abril de 2017**



**Consumo de energia elétrica na economia volta a cair em abril**

- ✓ Após nove meses de crescimento ininterrupto, o consumo de energia pelo conjunto da atividade econômica potiguar voltou a cair em abril (-0,6%) em relação a igual base de 2016. Registre-se, no entanto, que o recuo foi mais suave do que o verificado em abril de 2016 (-1,9%).
- ✓ Na Indústria, especificamente, o consumo de energia está em queda há cinco meses seguidos. Porém, a taxa de abril (-2,4%) foi menos negativa do que a de março (-2,7%) e a de abril de 2016 (-5,8%).
- ✓ Embora o gráfico acima não disponibilize detalhes para todos os setores, os dados originais permitem constatar que, além da Indústria, a Agropecuária também apresentou queda no consumo de energia em abril (-8,4%), enquanto o do Comércio e Serviços aumentou (3,8%).
- ✓ (Detalhes da Indústria no slide seguinte).

## RN - Variação no consumo industrial de energia elétrica Rel. mês / mês do ano anterior - 2014 – 2017 (Em %)

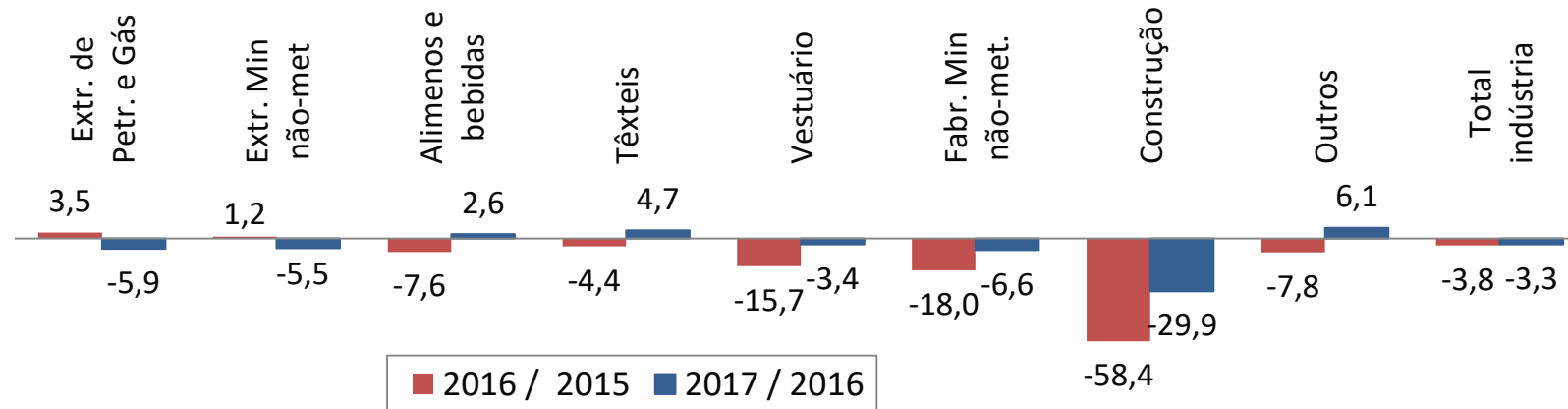


Fonte: Cosern. Elaboração, FIERN

A série histórica do consumo industrial de energia elétrica no Rio Grande do Norte na base de referência mês/igual mês do ano anterior, de janeiro de 2014 a abril de 2017, aponta contrações desde 2015, e mais intensas a partir de 2016. Mas em abril de 2017, a queda (-2,4%) foi mais suave do que a do mesmo período de 2016 (-5,8%). Trata-se da segunda moderação na queda do consumo de energia de 2017. A primeira foi em fevereiro.

# Consumo Industrial de Energia Elétrica

Variação (Em%) jan-abril 2017 / 2016 e jan-abril 2016 / 2015



Fonte: Cosern. Elaboração: FIERN

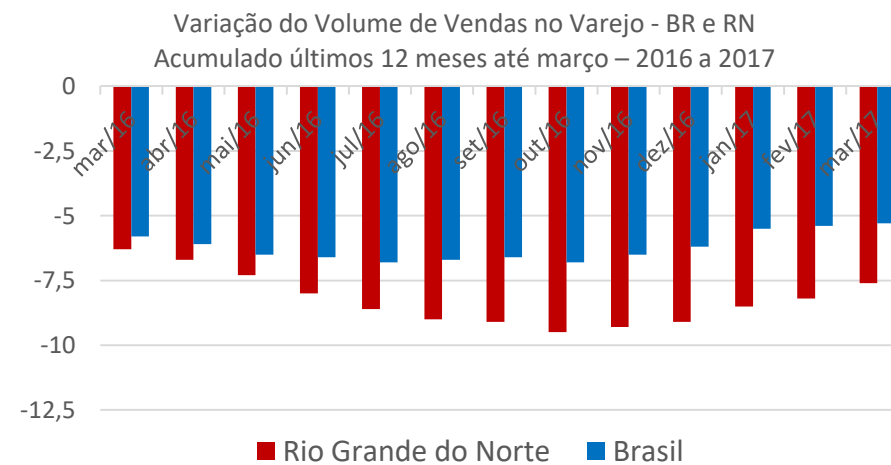
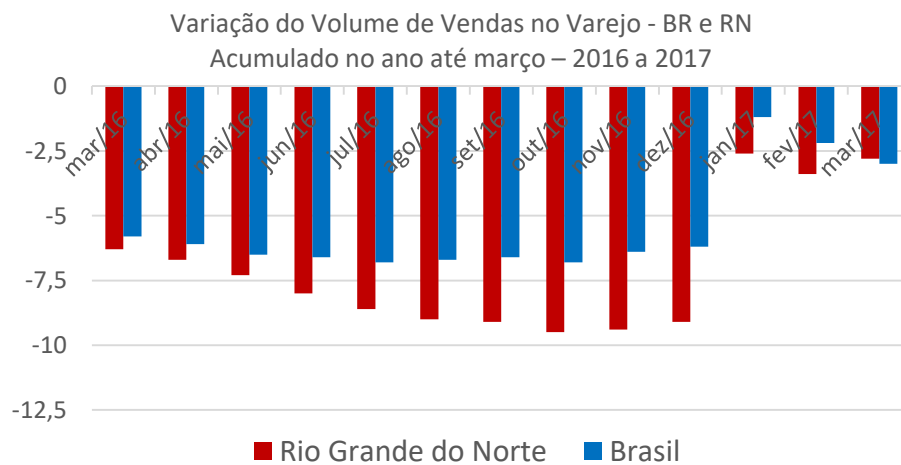
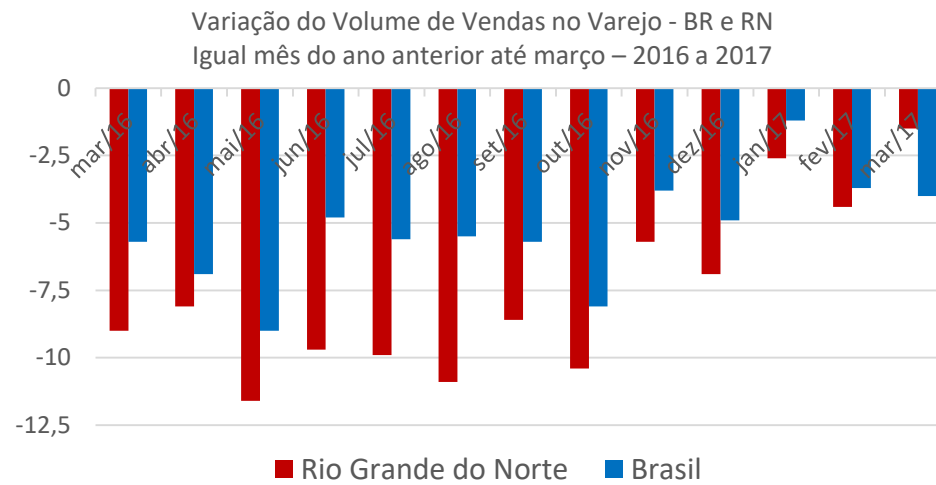
- ✓ No acumulado janeiro-abril de 2017, o consumo de energia pela indústria potiguar caiu com menos força do que no mesmo período de 2016, com variações de -3,3% e -3,8%, respectivamente. O comportamento dos oito ramos industriais com detalhamento disponível não sofreu modificação em comparação com o observado no informe anterior, referente ao período janeiro-março. Ou seja, três segmentos reverteram para positivo em 2017 os balanços negativos do primeiro quadrimestre de 2016: Têxteis (4,7% e -4,4%), Alimentos e Bebidas (2,6% e -7,6%) e Outras indústrias (6,1% e -7,8%).
- ✓ Três segmentos amortizaram a queda do consumo no período janeiro-abril de 2016 e 2017: Construção (de -58,4% para -29,9%); Vestuário (-15,7% e -3,4%) e Fabricação de produtos de minerais não-metálicos, como o cimento (-18,0 e -6,6%).
- ✓ Dois segmentos tiveram performance pior do que a de 2016, uma vez que saíram de crescimento para contração. As maiores influências negativas sobre o resultado global da indústria vieram de Extração de petróleo e gás (-5,9% ante 3,5%) e Extração de produtos minerais não-metálicos (-5,5% e 1,2%).

## Pesquisa Mensal de Comércio – PMC

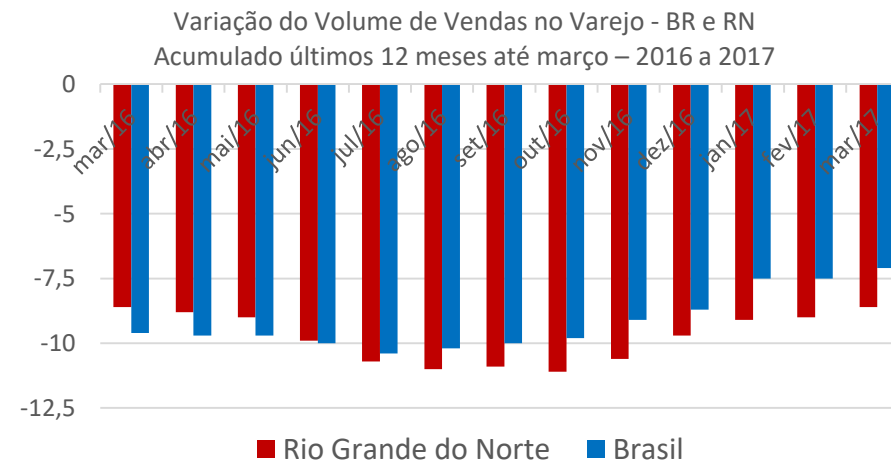
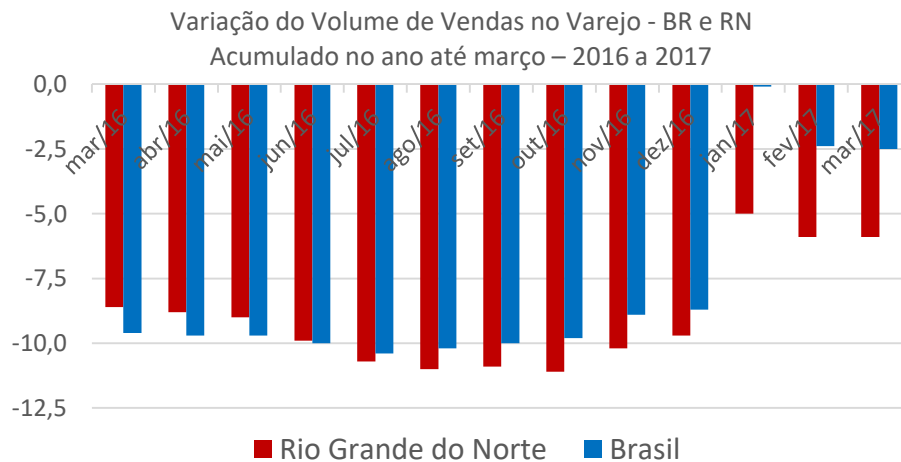
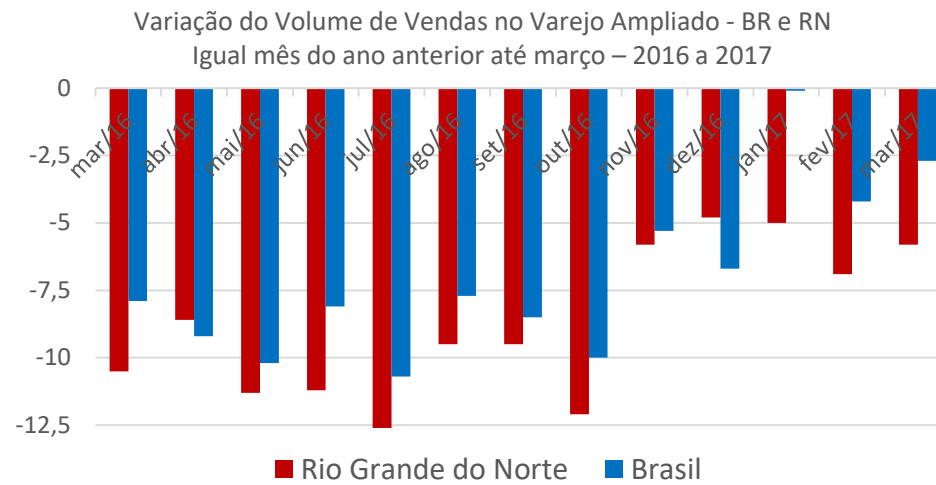
	Março 2017 / março 2016		Janeiro-março 2017 / Janeiro-março 2016		Acumulado nos últimos 12 meses até março	
	BR	RN	BR	RN	BR	RN
<b>VOLUME DE VENDAS</b>						
- Varejo Restrito	-4,0	-1,5	-3,0	-2,8	-5,3	-7,6
-Varejo Ampliado *	-2,7	-5,8	-2,5	-5,9	-7,1	-8,6

- ✓ A atividade do comércio manteve, em março, a tendência de “diminuição de perdas” nas vendas iniciada em novembro de 2016. Ou seja, apesar de ainda não se observarem crescimentos reais, as variações no volume de vendas (receita real), considerando a relação mês/igual mês do ano anterior, são cada vez menos negativas, tanto no varejo restrito como no ampliado (que inclui veículos, motos e partes e peças e material de construção), no Rio Grande do Norte e no conjunto do país. (Detalhes nos gráficos correspondentes).
- ✓ No varejo restrito, as vendas potiguares interromperam a série de taxas de retração superiores as médias do país que vinha mantendo desde janeiro de 2016. No mês de março de 2017, a receita real de vendas potiguar caiu 1,5% em relação a março de 2016, enquanto a do Brasil recuou 4,0%. Isto fez com que, no acumulado janeiro-março, o varejo estadual apresentasse menor declínio, ou seja, -3,4% em comparação ao primeiro trimestre de 2016, para uma variação nacional de -3,0%. No acumulado em 12 meses até março, os declínios corresponderam a -7,6% e -5,3%, respectivamente.
- ✓ No varejo ampliado, a retração potiguar se manteve mais forte do que a do varejo restrito e mais negativa do que a média nacional. Em março, o volume de vendas do estado recuou 5,8% comparado a igual mês de 2016, enquanto a variação nacional foi de -2,7%. No trimestre, a receita real do Rio Grande do Norte declinou 5,9% ante os três primeiros meses de 2016, para um recuo médio nacional de 2,5%. Nos últimos 12 meses terminados em março, as vendas reais acusaram variações negativas de -8,6% e -7,1%, nessa ordem.

# Pesquisa Mensal de Comércio – Volume de Vendas – Varejo (restrito)



# Pesquisa Mensal de Comércio – Volume de Vendas – Varejo Ampliado\*



Fonte: IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio

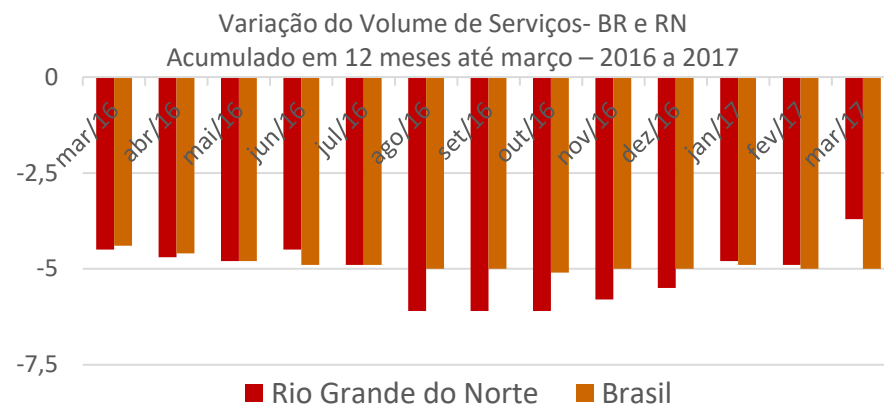
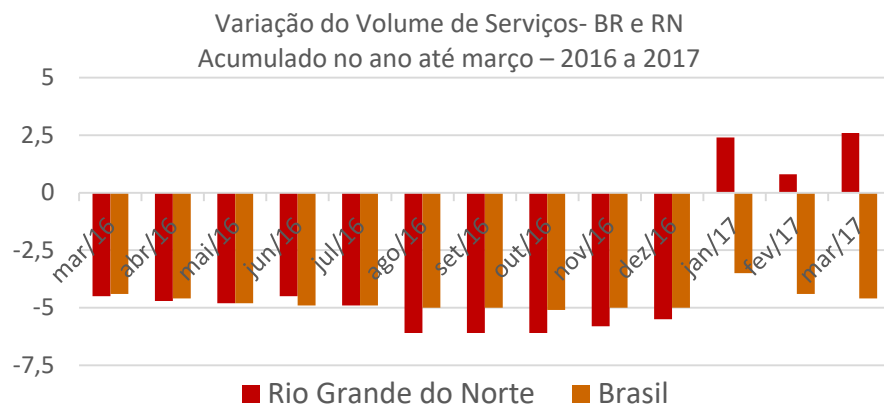
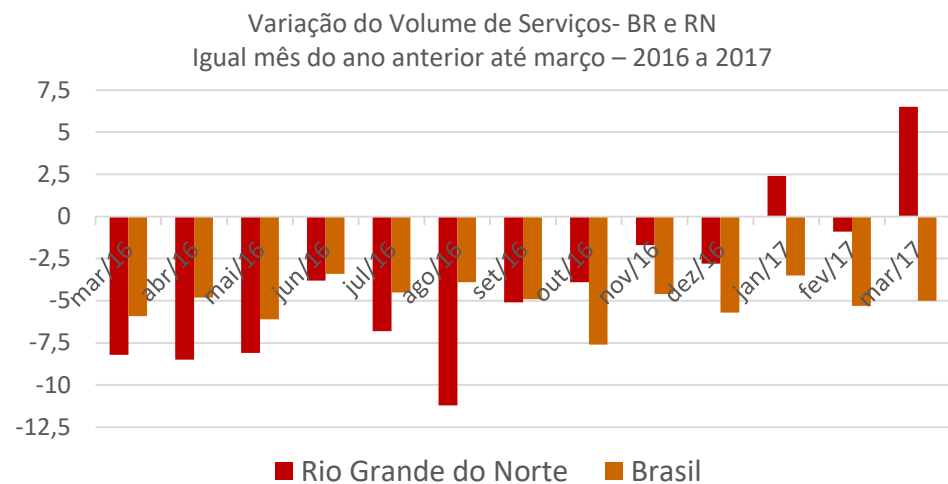
\* Inclui o varejo restrito mais veículos, motos, partes e peças e material de construção

## Pesquisa Mensal de Serviços – PMS

	Março 2017/ março 2016		Janeiro-março 2016 / Janeiro-março 2015		Acumulado nos últimos 12 meses até março	
	BR	RN	BR	RN	BR	RN
<b>VOLUME DE SERVIÇOS</b>	-5,0	6,5	-4,6	2,6	-5,0	-3,7

- ✓ A atividade de serviços no Rio Grande do Norte manteve, em março, a tendência de recuperação iniciada em setembro de 2016. No primeiro trimestre de 2017, já são dois desempenhos positivos. Em contrapartida, o setor nacional sequer entrou em rota de moderação dos declínios. No mês de março, enquanto a receita real de serviços (volume de serviços) potiguar cresceu 6,5% ante igual mês de 2016, a média nacional foi de -5,0%. (Detalhes no gráfico correspondente). Nesta base de comparação, os serviços do conjunto do país estão em declínio há 27 meses.
- ✓ Nos primeiro trimestre de 2017, a receita real do setor no estado apresentou crescimento acumulado de 2,6% ante igual período do ano anterior, contra variação negativa (-4,6%) da média nacional.
- ✓ O balanço da receita real acumulada nos últimos 12 meses até março resultou menos negativa do que a média nacional (-3,7% contra -5,0%).

## Pesquisa Mensal de Serviços – Volume de Serviços



# RN - Emprego e Desemprego

## Emprego e Desemprego

A taxa potiguar de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade em atividades formais e informais atingiu a média de 16,3% no primeiro trimestre de 2017, com avanço de 1,6 ponto percentual sobre a média de outubro-dezembro de 2016, e 2,0 pontos percentuais ante o primeiro trimestre de 2016. A taxa de desocupação potiguar é a sexta maior do Brasil no período janeiro-março (atrás da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Amapá e Amazonas). A média de desocupados no estado no período correspondeu 250 mil pessoas, com crescimento de 11,1% em relação ao trimestre encerrado em dezembro e 15,2% ante o primeiro trimestre de 2016. (Detalhes na tabela e gráfico correspondentes). Na Região Metropolitana de Natal – RMN, a taxa de desocupação atingiu 16,0% no período janeiro-março e a na capital, 15,6%.

No conjunto do país, a taxa de desocupação no primeiro trimestre do ano foi de 13,7%, tendo crescido 1,7 ponto percentual ante o trimestre outubro-dezembro e 2,8 pontos percentuais em relação ao primeiro trimestre de 2016. Apesar de maior, a taxa de desocupação do estado cresceu menos do que a média do país nos dois trimestres comparados, ou seja, 1,6 pp contra 1,7 pp no primeiro e 2,0 pp contra 2,8 pp, no segundo.

O número de pessoas ocupadas em atividades formais e informais no Rio Grande do Norte foi estimado em 1,281 milhão no período janeiro-março de 2017, com quedas de 2,0% ante o último trimestre de 2016 e de 1,2% comparada ao primeiro. Na RMN, havia 641 mil pessoas ocupadas no primeiro trimestre de 2017, com registro de queda de 1,5% ante o trimestre anterior e de crescimento de 2,6% em relação ao mesmo período de 2016. Por sua vez, o número de pessoas ocupados em Natal correspondia a de 373 mil pessoas no trimestre terminado em março, com recuo de 3,1% em comparação com o trimestre finalizado em dezembro e queda de 1,3% ante o primeiro trimestre de 2016. Comparando-se as variações no número de ocupados nas três regiões, constata-se que a capital do estado continua apresentando declínios mais intensos, tal como ocorreu na média de 2016, apresentado no Informe Conjuntural - Balanço de 2016.

## RN - Emprego e Desemprego

O número de potiguares ocupados em atividades industriais (indústria geral e construção), com e sem carteira, foi estimado em 234 mil pessoas no primeiro trimestre do ano, tendo caído 1,7% em relação ao trimestre terminado em dezembro (o equivalente a quatro mil empregos) de 2016 e 2,5% ante o primeiro trimestre de 2016 (menos seis mil empregos). Desdobrando-se por agrupamento, o número de ocupados na Indústria Geral (130 mil pessoas) não sofreu alteração ante o trimestre terminado em dezembro, mas aumentou 8,3% (correspondente a 10.000 empregos) em comparação ao primeiro trimestre de 2016. Em contrapartida, na indústria da Construção, o total de ocupados caiu 3,7%, de 108 mil para 104 mil pessoas (4.000 empregos) na passagem do último trimestre de 2016 para o primeiro de 2017 e recuou 13,3% em relação ao primeiro trimestre de 2016 (16 mil empregos a menos).

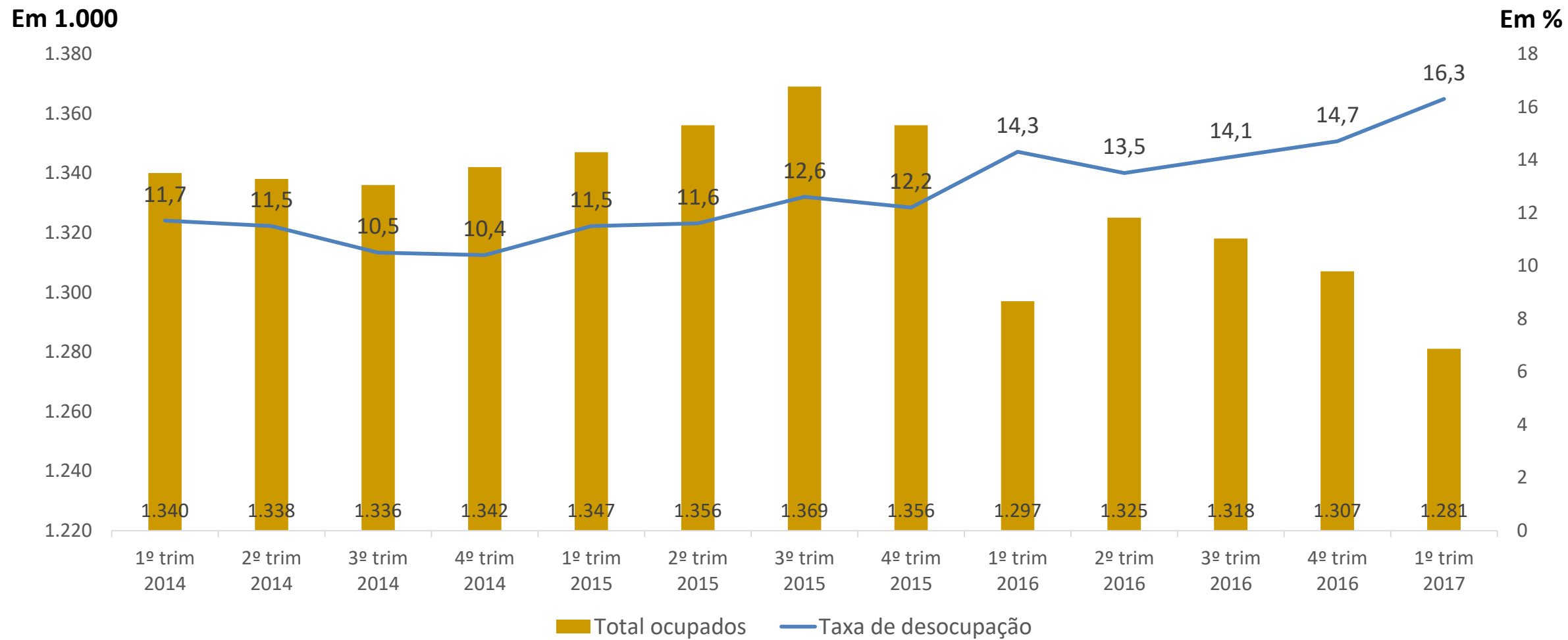
Na Agropecuária, o número de ocupados recuou 4,6%, de 108 mil para 103 mil pessoas em relação ao trimestre terminado em dezembro de 2016, mas aumentou 8,4% ante o primeiro trimestre de 2016 (mais oito mil empregos); a ocupação no Comércio e Serviços caiu 1,7% (de 961 mil para 945 mil empregados), em relação ao trimestre terminado em dezembro e recuou 1,9% (18 mil empregados a menos) ante o primeiro trimestre de 2016.

Em síntese, 26.000 pessoas a menos estavam ocupadas no estado quando comparado ao total de ocupados do trimestre terminado em dezembro, e 16.000 ficaram sem ocupação ante o primeiro trimestre de 2016.

Apesar da queda no total de empregados, a renda real do norte-rio-grandense melhorou, o que pode ser explicado pela desaceleração da inflação. O rendimento médio real habitual do potiguar atingiu R\$ 1.653,00 (ante R\$ 2.110,00 de média nacional) no primeiro trimestre de 2017, tendo aumentado 0,9% em comparação com o quarto trimestre de 2016 e avançou 9,10% ante o primeiro trimestre de 2016. Na RMN e em Natal, o rendimento médio real habitual decresceu em relação ao trimestre terminado em dezembro (-1,4% e -2,3%, respectivamente) e cresceu ante o primeiro trimestre de 2016 (8,4% e 13,9% na mesma ordem). (Detalhes no gráfico e tabela no final da seção).

## Rio Grande do Norte

Evolução do número de ocupados e da taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade  
1º Trim de 2014 a 1º Trim de 2017



# Indicadores de Ocupação com Carteira e sem Carteira

## Período: Jan-fev-mar 2017

### Rio Grande do Norte

	Estimativas dos Trimestres			Variações	
	Jan-fev-mar/2016	Out-nov-dez/2016	Jan-fev-mar/2017	Em relação ao trimestre anterior	Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior
<b>Taxa de Desocupação</b>					
Rio Grande do Norte	14,3%	14,7%	16,3%	1,6 pp	2,0 pp
RM de Natal	14,1%	15,2%	16,0%	0,8 pp	1,9 pp
Natal	13,3%	15,4%	15,6%	0,2 pp	2,3 pp
<b>Número de Desocupados (em 1.000)</b>					
Rio Grande do Norte	217	225	250	11,1%	15,2%
RM de Natal	103	117	122	4,3%	18,4%
Natal	58	70	69	-1,4%	19,0%
<b>Número de Ocupados (em 1.000)</b>					
Rio Grande do Norte	1.297	1.307	1.281	-2,0%	-1,2%
RM de Natal	625	651	641	-1,5%	2,6%
Natal	378	385	373	-3,1%	-1,3%
<b>Número de Ocupados na Indústria – Rio Grande do Norte (em 1.000)</b>					
Indústria Geral	120	130	130	0,0%	8,3%
Construção	120	108	104	-3,7%	-13,3%

# Indicadores de Ocupação com Carteira e sem Carteira

## Período: jan-fev-mar 2017

### Rio Grande do Norte

	Estimativas dos Trimestres			Variações	
	Jan-fev-mar/2016	Out-nov-dez/2016	Jan-fev-mar/2017	Em relação ao trimestre anterior	Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior
<b>Número de Ocupados – demais atividades – Rio Grande do Norte (em 1.000)</b>					
Agropecuária	95	108	103	-4,6%	8,4%
Comércio e Serviços	963	961	945	-1,7%	-1,9%
<b>Rendimento Médio Real Habitual (em R\$)</b>					
Rio Grande do Norte	1.515	1.638	1.653	0,9%	9,1%
RM de Natal	1.900	2.087	2.059	-1,4%	8,4%
Natal	2.081	2.428	2.371	-2,3%	13,9%

Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – PNAD Contínua. Tabela-resumo 1.1 (4, 5, 15,16, 27,); tabela-resumo 1.2 (10 e 11) ; tabela-resumo 1.3 (10 e 11); tabela-resumo 2.1 ( 17), tabela-resumo 2.2 ( 7) , tabelas-resumo 2.3 (11) e Sidra.

## RN - Emprego e Desemprego

O saldo do emprego com carteira assinada no Rio Grande do Norte completou, em abril, sete meses seguidos de saldo negativo. O balanço do mês resultou em 921 vagas a menos, ou 0,22% de recuo no estoque de empregados existentes do mês anterior. Apesar de o volume total de vagas cortadas no mês ter superado o resultado de março (-569), foi menos negativo do que o de abril de 2016 (-2.652), e os de dezembro, janeiro e fevereiro últimos. A indústria, todavia, voltou a intensificar o volume de cortes (-635), em intensidade superior aos dois meses anteriores e em comparação a abril de 2016 (-574) (detalhe no gráfico no final da seção). É importante ressaltar que fatores sazonais contribuíram para o resultado do mês: na agropecuária, as dispensas decorrentes do fim da colheita de melões e do corte da cana-de-açúcar. No caso da indústria, a finalização da moagem da cana-de-açúcar também provocou cortes de mão de obra. Além disso, o setor não voltou a contar com a amortização proporcionada pelos saldos positivos da construção ocorrida nos dois meses anteriores.

**Saldo total negativo no mês → -921 vagas**

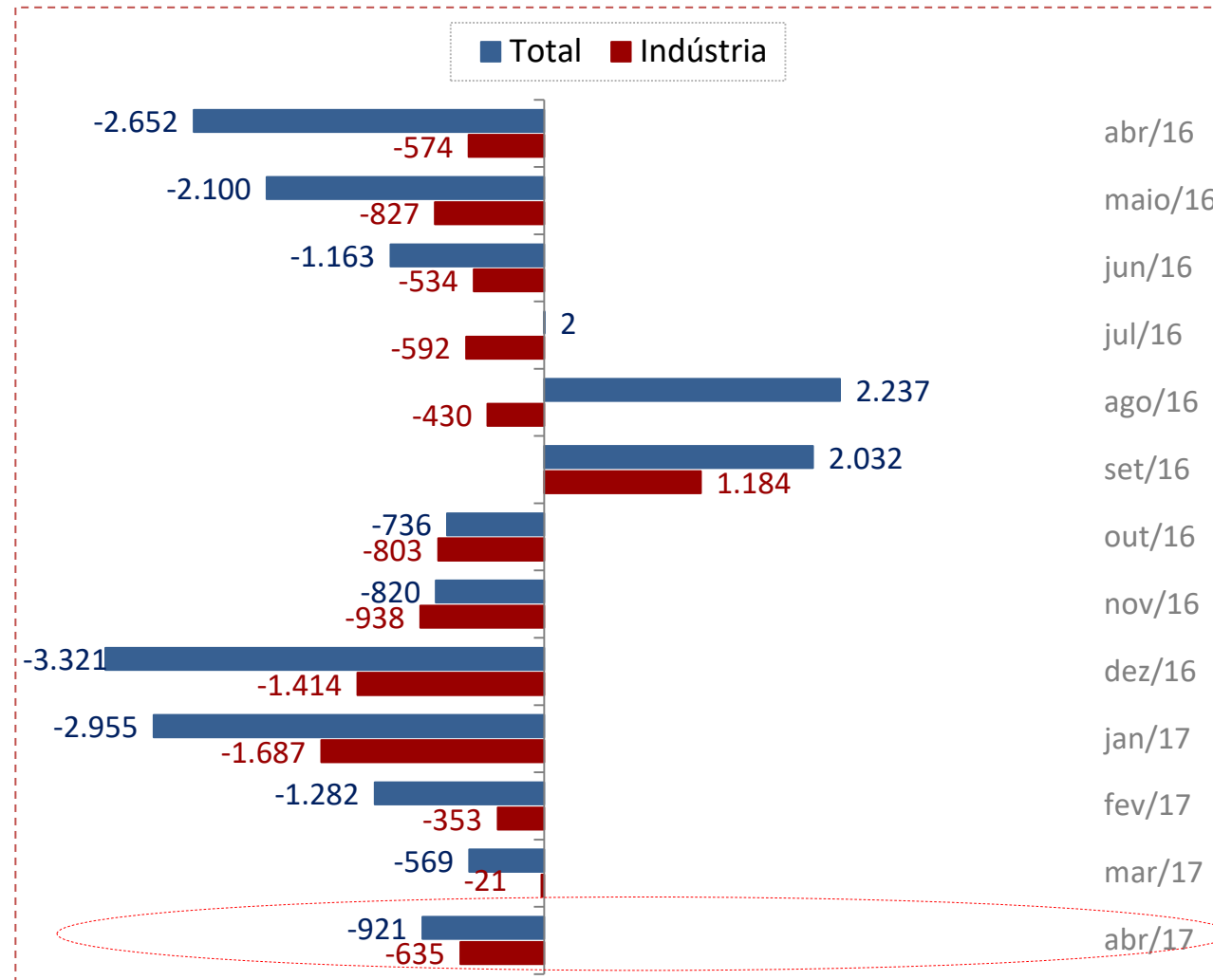
- Indústria → -635

- Agropecuária → -598

- Comércio → -58

- Serviços → +362

# RN - Saldos do emprego com carteira assinada (admissões menos desligamentos) - 2016 - 2017



FONTE: MTE/CAGED, abril de 2017. Elaboração FIERN

## RN – Saldos de vagas com carteira assinada Destaques industriais - mês de abril 2017

**Saldo industrial no mês → -635 vagas**

Principais Contribuições Positivas		Principais Contribuições Negativas	
Fabricação de produção Minerais não-metálicos (+65)	Estruturas pré-moldadas de cimento armado e Artefatos cerâmicos para construção civil	Construção civil (-252)	Edificações e Obras de fundações
Borracha, fumo, couros, peles e indústrias diversas (+13)	Segmentos diversos	Alimentos e bebidas (-176)	Fabricação de açúcar
Químico, Farmacêutico e Veterinário (+5)	Produtos de limpeza e polimento	Extração mineral (-142)	Extração e refino de sal marinho e Extração de petróleo e gás

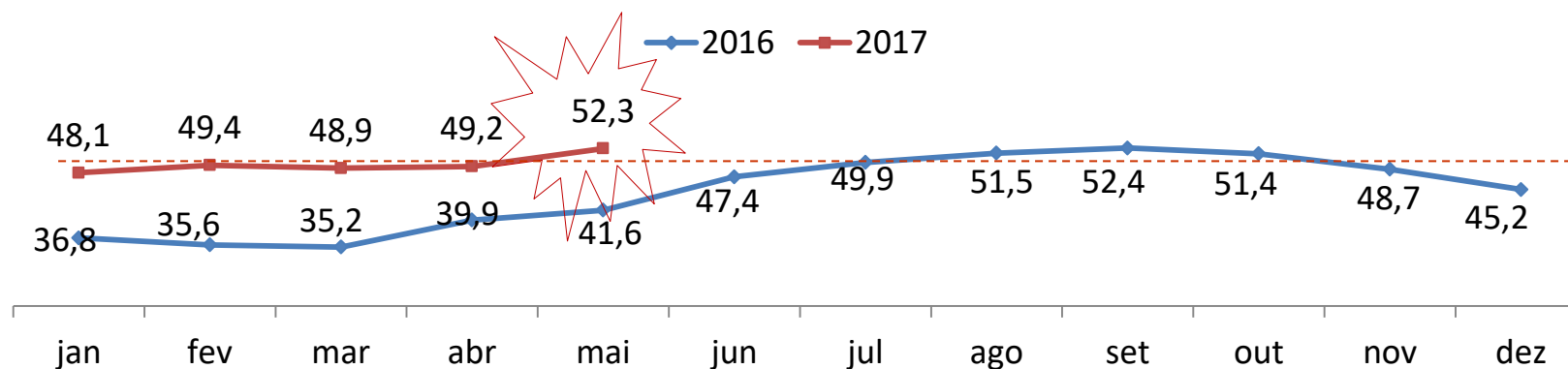
FONTE: MTE/CAGED, abril de 2017. Elaboração FIERN

**Rio Grande do Norte - Balanço do Emprego Formal na Indústria e Demais Setores  
- Até abril de 2017 -**

Setores e Subsetores	Ocupados em dezembro de 2016	Saldo jan-abr de 2017	Ocupados em abril de 2017
Extrativa mineral	<b>9.437</b>	<b>-501</b>	<b>8.936</b>
<b>Indústria de Transformação</b>	<b>60.283</b>	<b>-2.177</b>	<b>58.106</b>
Produtos minerais não-metálicos	6.319	295	6.614
Metalúrgica	1.373	5	1.378
Mecânica	1.083	13	1.096
Material elétrico e de comunicações	328	34	362
Material de transporte	299	-6	293
Madeira e mobiliário	2.092	-7	2.085
Papel, papelão, editorial e gráfica	1.696	-108	1.588
Borracha, fumo, couros, peles e ind. diversas	1.220	-29	1.191
Química de prod. Farm., vet., e perf.	5.769	-1.506	4.263
Têxtil e Confecções	21.832	-381	21.451
Calçados	564	-16	548
Alimentos, bebidas e álcool	17.708	-471	17.237
Serv. Industriais de Utilidade Pública	<b>6.619</b>	<b>-53</b>	<b>6.566</b>
Construção civil	<b>27.988</b>	<b>104</b>	<b>28.092</b>
<b>TOTAL INDÚSTRIA</b>	<b>104.327</b>	<b>-2.627</b>	<b>101.700</b>
<b>COMÉRCIO</b>	<b>115.625</b>	<b>-1.107</b>	<b>114.518</b>
<b>SERVIÇOS</b>	<b>355.211</b>	<b>1.823</b>	<b>357.034</b>
<b>AGROPECUÁRIA</b>	<b>17.417</b>	<b>-3.591</b>	<b>13.826</b>
<b>TODOS OS SETORES</b>	<b>592.580</b>	<b>-5.502</b>	<b>587.078</b>

FONTE: MTE: RAIS - 2015 e saldos CAGED de 2016 e de jan-abr de 2017. Elaboração FIERN

## RN - Índice de Confiança do Empresário Industrial ICEI\* - maio 2017



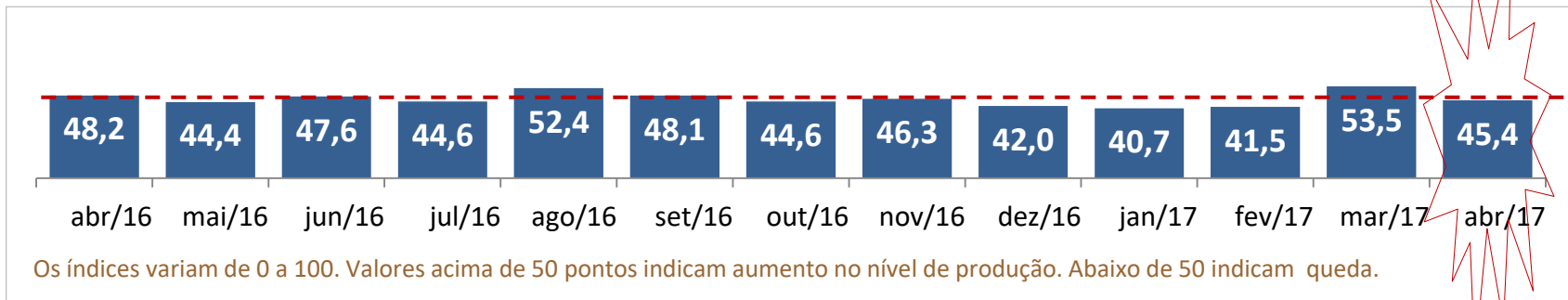
\* Os índices variam de 0 a 100 pontos. Valores acima de 50 indicam empresários confiantes. Abaixo de 50 indicam falta de confiança.

### Confiança do empresário industrial potiguar volta a ultrapassar a linha dos 50 pontos em maio

- ✓ A confiança dos empresários industriais potiguares voltou a melhorar após seis meses em baixa. O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI), da FIERN, passou de 49,2 para 52,3 pontos na passagem de abril para maio, mostrando que os empresários potiguares estão confiantes. Ressalte-se, no entanto, que este aumento da confiança deve-se, principalmente, ao maior otimismo com relação aos próximos seis meses, uma vez que o sentimento dos executivos com relação às condições atuais de suas empresas e da economia nacional, ainda é pessimista. No que diz respeito aos setores consultados, os empresários da Construção revelaram falta de confiança, enquanto os das Indústrias Extrativas e de Transformação mostraram-se confiantes. Quanto ao porte, as médias e grandes empresas (mais de 50 empregados) estão confiantes, enquanto entre as pequenas a falta de confiança aumentou.
- ✓ O ICEI da indústria nacional, divulgado pela CNI, continuou acima dos 50 pontos (passou de 53,1 para 53,7 pontos), inclusive nos dois agrupamentos setoriais, mas também puxado por expectativas otimistas. Em termos de portes, apenas as médias e as grandes indústrias estão confiantes.

## Evolução do Nível de Produção – Abril de 2017

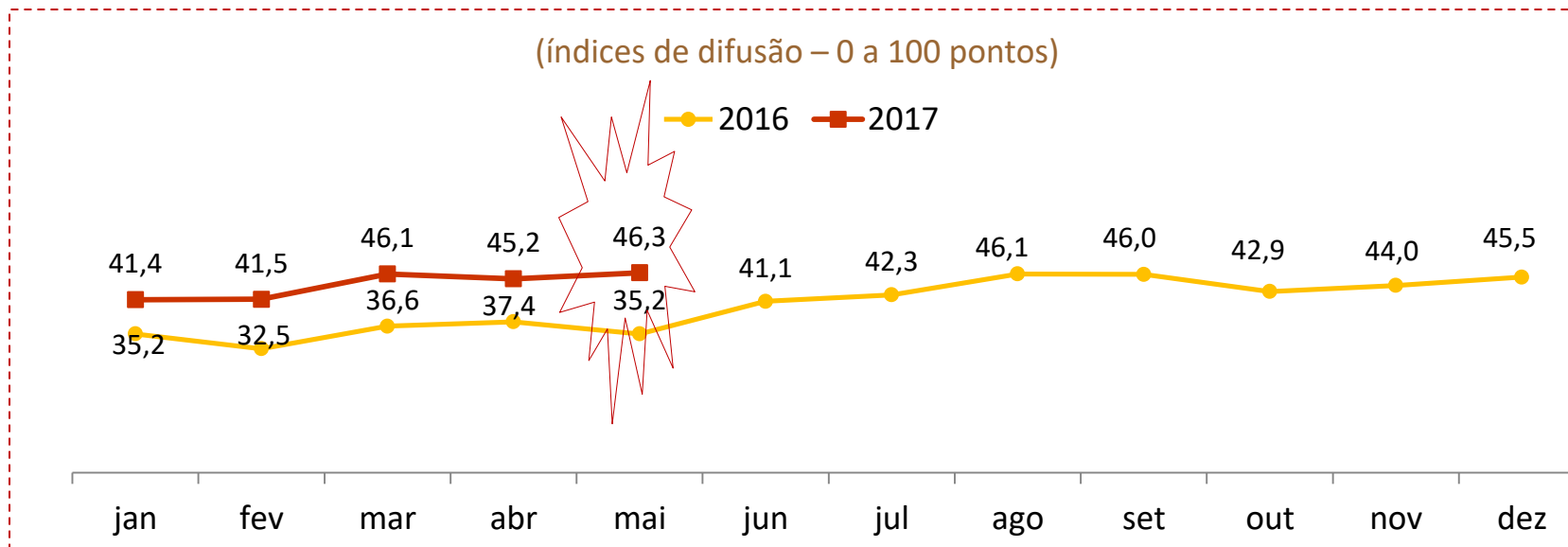
### RN - Sondagem Indústrias Extrativas e de Transformação



#### Atividade industrial volta a cair em abril

- ✓ A Sondagem das indústrias Extrativas e de Transformação do Rio Grande do Norte, elaborada pela FIERN, mostra que a reação positiva no nível de produção industrial registrada em março não se sustentou em abril. O indicador de nível de produção recuou dos 53,5 pontos para 45,4 pontos no período (valores abaixo de 50 pontos indicam queda). Dessa maneira, foi retomada a tendência que se repetia desde setembro de 2016. O nível médio de utilização da capacidade instalada (UCI) também caiu, de 68% para 67%, sendo considerado pelos empresários consultados como abaixo do padrão usual para o período, desde setembro de 2011. A trajetória de queda no número de empregados, iniciada em fevereiro de 2014, também foi conservada. Os estoques de produtos finais continuaram em baixa e aquém do nível planejado pelo conjunto da indústria.
- ✓ Quando comparados os dois portes de empresas detalhados, verifica-se que, de uma forma geral as avaliações de recuo na atividade convergiram. Mas é importante ressaltar que a UCI e os níveis dos estoques persistem muito mais baixos entre as pequenas indústrias (as de menos de 50 empregados). No que diz respeito às expectativas em relação aos próximos seis meses, as divergências permanecem. Ou seja, as pequenas indústrias preveem queda nas compras de matérias-primas e estabilidade na quantidade exportada de produtos, enquanto as médias e grandes esperam aumento nos dois indicadores. Destaque-se que a intenção de investimento de maio (46,3 pontos) é a maior desde dezembro de 2014 quando atingiu 50,5 pontos.
- ✓ Comparando-se os resultados da Sondagem Industrial potiguar com os nacionais, divulgados pela CNI, constata-se avaliações convergentes, com a diferença de que os estoques de produtos finais do conjunto do país cresceram entre março e abril e estavam ajustados ao nível planejado pelas empresas.

## Intenção de Investimento nas Indústrias Extrativas e de Transformação nos próximos seis meses - Maio de 2017

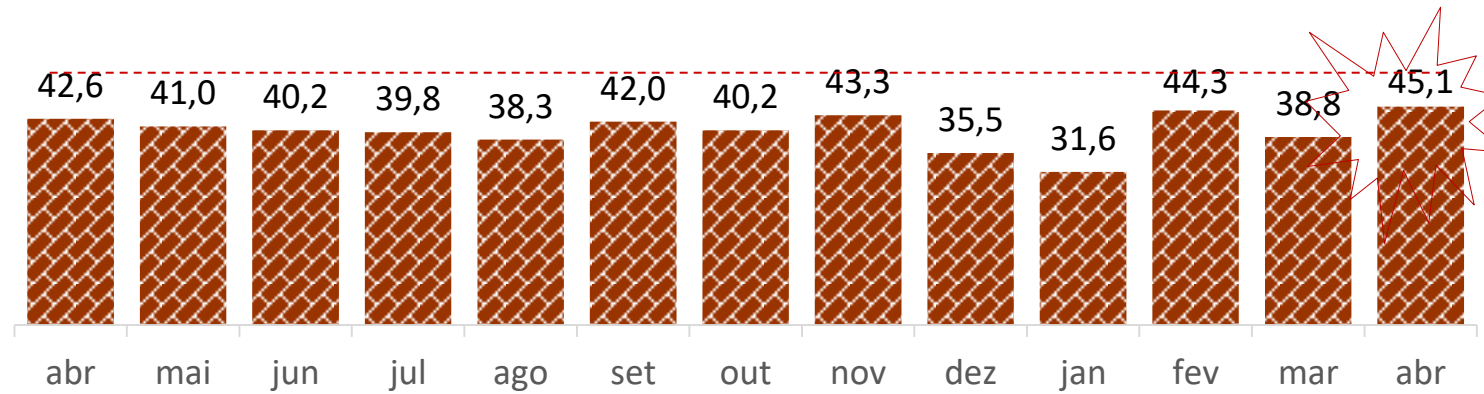


Fonte: FIERN/CNI – Sondagem Industrial - Unidade de Economia e Estatística

O índice varia de 0 a 100 pontos. Quanto maior o índice, maior a propensão da indústria a investir

## RN - Sondagem Indústria da Construção

### Evolução do Nível de Atividade – Abril de 2017



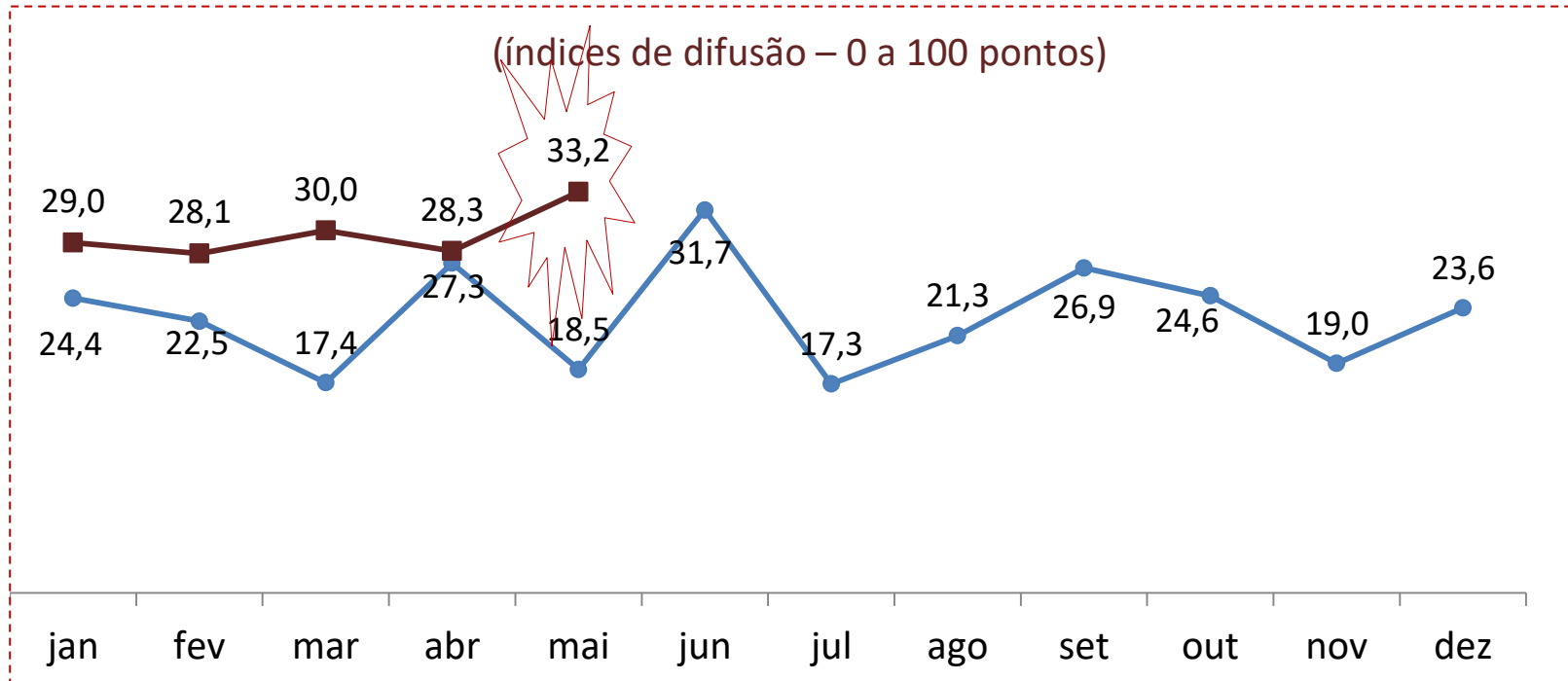
#### Construção potiguar suaviza retração em abril e eleva intenção de investimento

✓ A Sondagem Indústria da Construção do Rio Grande do Norte, elaborada pela FIERN, aponta recuo menos intenso no nível de atividade do setor em abril. O indicador correspondente aumentou de 38,8 para 45,1 pontos, mas não conseguiu ultrapassar a barreira dos 50 pontos, que separa crescimento de queda. Com essa moderação no recuo, o nível de atividade do mês também é o menos negativo dos últimos 12 meses, conforme ilustrado no gráfico acima. O número de empregados caiu para o menor nível do ano, embora ainda superior ao de abril de 2016. O nível médio de Utilização da Capacidade de Operação (UCO), por sua vez, subiu de 42% para 44%, dez pontos percentuais abaixo da média histórica para meses de abril.

✓ Em maio, as expectativas dos empresários potiguares em relação aos próximos seis meses são de estabilidade no nível de atividade e perspectivas menos desfavoráveis quanto ao número de empregados e aos novos empreendimentos/serviços. Todavia o pessimismo predomina em relação à contratação de novos empreendimentos e serviços e às compras de insumos e matérias-primas. Já a intenção de investimento voltou a subir, atingindo 33,2 pontos - aumento de 4,9 pontos na comparação com abril -, atingindo o maior valor desde fevereiro de 2015 (40,6 pontos).

✓ Comparando-se os indicadores avaliados pela Sondagem Indústria da Construção potiguar convergiram com os resultados divulgados pela CNI para o conjunto do Brasil.

## Intenção de Investimento na Indústria da Construção nos próximos seis meses - Maio de 2017



Fonte: FIERN/CNI – Sondagem Indústria da Construção - Unidade de Economia e Estatística

**O índice varia de 0 a 100 pontos. Quanto maior o índice, maior a propensão da indústria a investir**

# RN - Comércio Exterior

## Comércio exterior perde intensidade em abril

No mês de abril, as exportações do Rio Grande do Norte totalizaram US\$ 19,036 milhões e as importações US\$ 9,808 milhões, resultando em um saldo comercial de US\$ 9,228 milhões. Em relação a março, as vendas recuaram 21,9% e as compras 58,8%. Com a queda mais forte das importações, o saldo da balança (exportações menos importações) cresceu 1.491,9%. A soma dos valores exportados com os importados gerou uma corrente de comércio de US\$ 28,844 milhões, que diminuiu 40,1% ante o mês de março. (Gráfico no slide seguinte).

No quadrimestre janeiro-abril, as exportações somaram US\$ 104,066 milhões e cresceram 27,4% ante o mesmo período de 2016.

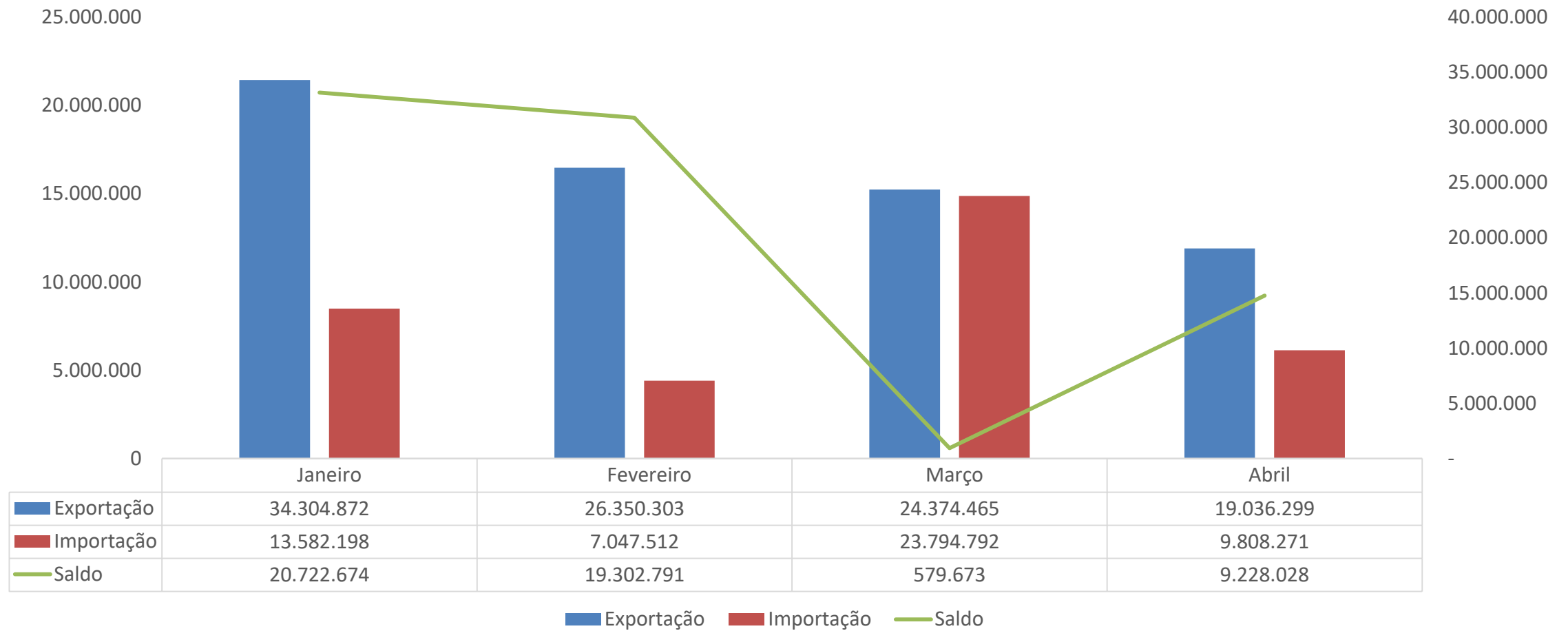
A pauta exportadora acumulada no período continuou dominada pelas frutas (58,2%), principalmente melões (36,8%) e castanhas (8,6%); e produtos minerais (13,1%), com destaque para o sal marinho (10,3%). Em termos de crescimento da receita, comparado ao período janeiro-abril de 2016, merece destacar o desempenho das vendas de melões (184,7%), melancias (271,3%) e Tungstênio (188,8%).

As importações do quadrimestre totalizaram US\$ 54,233 milhões e aumentaram 10,5% em relação ao mesmo período de 2016. Nos desembarques, as maiores participações no valor ficaram a cargo dos insumos e matérias-primas destinados à indústria, como trigo e farinha de trigo (27,6%); máquinas, aparelhos e materiais elétricos (17,9%); e plásticos (11,4%). Quanto ao crescimento das aquisições do período, os principais destaques foram registrados pelo algodão, incluindo fios, e produtos têxteis (330,2%) e das máquinas, aparelhos e materiais elétricos (114,7%).

O saldo da balança comercial dos primeiros quatro meses do ano resultou superavitário em US\$ 49,833 milhões, enquanto na mesma base de 2016 havia sido de US\$ 32,626 milhões. A corrente de comércio atingiu US\$ 158,299 milhões, com avanço de 21,1% em comparação ao resultado do mesmo período de 2016. (Quadro no final da seção).

# Balança comercial do Rio Grande do Norte

## Janeiro – abril de 2017 (US\$ FOB)



# Comércio Exterior – Rio Grande do Norte

Janeiro - Abril de 2017

**Exportações : 27,4% ↑ (US\$ 104,066 milhões)**

**Destaque em participação:**

→ Frutas (58,2%): Melões (36,8%) e Castanhas de caju (8,6%) e Minerais (13,1%): Sal Marinho (10,3%).

**Destaques em crescimento: ↑**

Melões (184,7%), Melancias (271,3%), Tungstênio (188,8%).

**Importações: 10,5% ↑ (US\$ 54,233 milhões)**

**Destaque em participação:**

Insumos e matérias-primas industriais: Trigo e farinha de trigo (27,6%), Máq. aparelhos e materiais elétricos (17,9%) e Plásticos (11,4%).

**Destaques em crescimento: ↑**

→ Algodão, incluindo fios e têxteis (330,2%) e Máq. aparelhos e materiais elétricos (114,7%).

**Saldo Comercial: janeiro-abril**

→ **US\$ FOB 49,833 milhões**

# Links Consultados

## **Brasil - IBGE**

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/2015/pimpfbr/default.shtm>

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/comercio/pmc/default.shtm>

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/servicos/pms/default.shtm>

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad\\_continua\\_mensal/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua_mensal/default.shtm)

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>

## **Inflação - IBGE**

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc\\_ipca/defaultinpc.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultinpc.shtm)

## **Banco Central**

<http://www.bcb.gov.br/?INDECO>

<http://www.bcb.gov.br/?FOCUSRELMERC>

<http://www.bcb.gov.br/?RI>

<http://www.bcb.gov.br/?ecoimprensa>

## **Comércio Exterior - MDIC**

<http://aliceweb.mdic.gov.br/>

<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/index.php?area=5>

<http://www.brasilglobalnet.gov.br/>

## **CNI**

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/sondagem-industrial/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/sondagem-industria-da-construcao/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/icei-indice-de-confianca-do-empresario-industrial/>

<http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/investimentos-na-industria/>

## **Emprego com carteira - MTE**

<http://bi.mte.gov.br/eec/pages/consultas/evolucaoEmprego/consultaEvolucaoEmprego.xhtml#relatorioSetor>

<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>

## **IEDI**

<http://www.iedi.org.br/cartas>

## **Jornal Valor Econômico**

<http://www.valor.com.br/>

## **Fundação Getúlio Vargas**

<http://portalibre.fgv.br/main>

# **Elaboração**

**Sandra Lúcia Barbosa Cavalcanti**  
**Unidade de Economia e Estatística**  
**sandra@fiern.org.br**  
**(84) 3204 6291**